

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

AMANDA TAVARES ALVES

**Filhas da Guerra: a mulher enquanto fonte na primeira temporada do
Projeto Humanos**

Monografia

Mariana

2019

AMANDA TAVARES ALVES

**Filhas da Guerra: a mulher enquanto fonte na primeira temporada do
Projeto Humanos**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Luana Viana

Mariana

2019

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A474f Alves, Amanda Tavares .
Filhas da Guerra [manuscrito]: a mulher enquanto fonte na
primeira temporada do Projeto Humanos. / Amanda Tavares Alves. -
2019.
87 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Ma. Luana Viana e Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Mulheres;. 3. Podcasting. 4. Mulheres e guerra. I. Silva, Luana
Viana e. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 364.65-055.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6a 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
COORDENADORIA DE COMUNICACAO INSTITUCIONAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Tavares Alves

Filhas da Guerra: a mulher enquanto fonte na primeira temporada do Projeto Humanos

Membros da banca

Felipe Viero Kolinski Machado - Doutor - Universidade Federal de Ouro Preto
Luân José Vaz Chagas - Doutor - Universidade Federal de Mato Grosso

Versão final

Aprovado em 12 de dezembro de 2019

De acordo

Luana Viana e Silva



Documento assinado eletronicamente por **Luana Viana e Silva**, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO, em 11/03/2020, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0042478** e o código CRC **166B2B47**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.002280/2020-30

SEI nº 0042478

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Dedico este trabalho a meus pais, que sonharam por mim e comigo

AGRADECIMENTOS

Aqui se encerra mais um ciclo e se inicia outro. Posso dizer que não foi fácil, foram momentos de incertezas, instabilidades e de amadurecimento, que me fizeram descobrir novas versões de mim mesma, que me deram forças para me encontrar dentro do meu processo constante enquanto indivíduo. Descobri no ofício do jornalismo minha paixão, fiz dessa paixão minha motivação. E claro, não caminhei sozinha. A minha família e amigos, agradeço por cada afeto, por cada ombro, por caminhar sempre de mãos dadas comigo por ser meu porto seguro nos melhores e piores momentos.

Agradeço a Deus, por sua bondade, foi ele que me deu forças para caminhar até aqui, sendo meu norte, meu chão e minha coragem.

Aos meus pais, meus exemplos e meus maiores incentivadores, nada disso teria acontecido sem a ajuda de vocês. Obrigada por chorarem comigo e vibrarem por cada conquista.

A Adrienne Ferreira e Irislaine Ventura, agradeço pela amizade e companheirismo, vocês deixaram tudo mais divertido, leve e colorido.

A minha orientadora, Luana Viana que desde o primeiro momento, abraçou minhas ideias e acreditou no meu potencial. Luana, nunca vou me esquecer do quanto me ajudou e me ensinou, sou grata por todo apoio.

Aos meus amigos que a UFOP me presenteou, agradeço por cada momento compartilhado.

Aos professores Felipe Viero da Universidade Federal de Ouro Preto e Luãn Chagas da Universidade Federal de Mato Grosso, os quais são referências de pesquisadores para mim, agradeço por aceitarem o convite de estarem na minha banca, contribuindo assim para meu trabalho.

A todos os professores pelos conhecimentos teóricos e também práticos. Sei que vou levar para vida toda.

E por fim, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto, por nunca desistir e resistir em tempos de crise, acreditando assim na minha e nas futuras gerações. Vou sempre carregar com o orgulho o fato de ter sido uma aluna, e ter vivenciado o ensino público de qualidade.

Resumo

A presente monografia tem por objetivo observar como o podcast “Filhas da Guerra”, do Projeto Humanos, trabalha a representação da mulher e se há protagonismo do gênero feminino numa produção radiofônica que aborda a guerra. Assim, nosso trabalho inicialmente traça um panorama histórico do rádio até chegar ao atual modelo de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) em contexto de convergência, refletindo também sobre as fases de implantação, difusão e segmentação (FERRARETTO, 2012). Então, passamos a discutir sobre as mulheres no rádio (SILVA, 2015), sobre as fontes no jornalismo e sobre o lugar de fala (RIBEIRO, 2017). Além disso, dentro desse panorama, discutimos sobre a identidade da mulher, até mesmo durante a guerra. A principal questão refletida no trabalho é a escassez de produções que discutem a mulher enquanto fonte jornalística. Por fim, através da análise do conteúdo (HERSCOVITZ, 2007), observamos os cinco episódios do podcast: “O mal puxa o mal”; “O trabalho liberta”; “A profecia”; “As filhas da guerra”; e “O que aprendemos”. Como principal resultado, observamos que mesmo se tratando de uma temporada destinado a elas-as mulheres -, a fala se dá de forma secundária e legitimada por homens, refletindo, ainda, a atual sociedade.

PALAVRAS- CHAVE: Mulheres; fontes; podcast; guerra.

ABSTRACT

This monograph aims to observe how the podcast “Filhas da Guerra”, from Projeto Humanos, works the representation and if there is female protagonism in a radio production that addresses the war. Thus, our work initially traces a historical radio panorama until it reaches the current expanded radio model (KISCHINHEVSKY, 2016), in this convergence context, also reflecting on the deployment, diffusion and segmentation’s phases (FERRARETTO, 2012). So, we started discussing about women on the radio (SILVA, 2015), about sources in journalism and about the speech place (RIBEIRO, 2017). In addition, within this panorama, we discuss women's identity, even during the war. The main issue reflected in the work is the journalistic scarcity productions that discuss women as a journalistic source. Finally, through content analysis (HERSCOVITZ, 2007), we look at the five episodes “O mal puxa o mal”; “O trabalho liberta”; “A profecia”; “As filhas da guerra”; and “O que aprendemos”. As a main result, we observe that even when it is a season for women, they speak in a secondary way and they are legitimized by men, reflecting the current society

KEY WORDS: Women; journalistic sources; podcast; war

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Visualização do episódio: O Caso Evandro no site.....	17
Figura 2 - Visualização do podcast: Projeto Humanos pelo Spotify	18
Figura 3 - Mara Régia na produção de “Viva Maria”	31
Figura 4 - Cantoras do rádio	33
Figura 5 – Mulheres vendem artes de soldados americanos	37
Figura 6 – Enfermeiras em acampamento no Exército Britânico	38
Figura 7 – Mulheres que ajudaram os aliados no fronte de Castellucio	39
Figura 8 – Propaganda da Hardes	40
Figura 9 – Government Printing Office	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aparelhos de Rádio e televisão por domicílio	24
Quadro 2 – Operadores por tipos de fontes	52
Quadro 3 – Tipos de fonte no primeiro episódio	59
Quadro 4 – Quantidade de falas dentro do primeiro episódio	60
Quadro 5 – Quantidade de vezes em que cada gênero fala no primeiro episódio	60
Quadro 6 – Tempo em que as fontes falam no primeiro episódio	61
Quadro 7 – Tempo por gênero no primeiro episódio	62
Quadro 8 – Tipos de fonte no segundo episódio	63
Quadro 9 – Quantidade de vezes em que cada gênero fala no segundo episódio	64
Quadro 10 – Tempo em que as fontes falam no segundo episódio	64
Quadro 11 – Tempo por gênero no segundo episódio	65
Quadro 12 – Tipos de fonte no terceiro episódio	66
Quadro 13 – Quantidade de falas dentro do terceiro episódio	67
Quadro 14 – Vezes em que cada gênero fala no terceiro episódio	67
Quadro 15 – Tempo por gênero no terceiro episódio	68
Quadro 17 – Tipos de fontes no quarto episódio	68
Quadro 18 – Quantidade de falas dentro do quarto episódio	70
Quadro 19 – Vezes em que cada gênero fala no quarto episódio	71
Quadro 20 – Tempo por gênero no quarto episódio	72
Quadro 21 – Tempo em que as fontes falam no quarto episódio	72
Quadro 22 – Tempo por gênero no quarto episódio	72
Quadro 23 – Tipos de fontes no quarto episódio	73
Quadro 24 – Quantidade de vezes em que cada gênero fala no quarto episódio	73
Quadro 25 – Tipos de fontes no quinto episódio	74
Quadro 26 – Quantidade de vezes em que cada gênero fala no quarto episódio	75
Quadro 27 – Tempo em que as fontes falam no quinto episódio	75
Quadro 28 – Tempo por gênero no quinto episódio	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. Convergência e Rádio Expandido	13
1.1 Podcast como novo Rádio	14
1.2 Para além das Ondas Hertzianas	19
1.3 O podcast no Brasil em números	21
1.4 Audiência Radiofônica	23
2. Mulheres e o Rádio	28
2.1 Viva Maria, A revolução delas	30
2.2 Do rádio a guerra, a presença da mulher	32
2.3 Fontes no Jornalismo	41
3. METODOLOGIA	47
4. ANÁLISE	58
4.1 O mal puxa o mal	58
4.2 O trabalho liberta	62
4.3 A profecia	66
4.4 As filhas da Guerra	70
4.5 O que aprendemos	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Vivemos em um contexto de desigualdade latente em diversas esferas sociais. O gênero é uma que ainda não fomos capazes de superar. Isso porque a sociedade foi fundada e marcada por uma cultura patriarcal, onde se reproduz e se naturaliza, segundo Freyre (2005), a “dominação natural” que o machismo impõe, fazendo com que as mulheres sejam expostas a preconceitos e violências dentro da sociedade brasileira.

Embora se discuta que a igualdade já foi conquistada, a realidade se mostra contrária: segundo um estudo do Fórum Econômico Mundial, o Brasil irá levar aproximadamente 95 anos para alcançar a igualdade de gênero, isso por que os indicadores apontam para diferenças, principalmente em representatividade política e disparidade econômica¹, mostrando que a sociedade ainda caminha a passos lentos rumo a igualdade de gênero

Ao olhar para o conceito do machismo, percebe-se o ponto central: o homem é tratado institucionalmente acima das mulheres em organizações sociais, tais como domiciliar, política, legislação, etc. Tal atitude fere as mulheres nos seus mais variados sentidos, como na desigualdade econômica salarial. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), as trabalhadoras ganham em média 20,5% a menos que os homens no país,² e o número de mulheres em cargos de gerência ou chefia caiu de 40% para 38% em 2018³. Na mesma pesquisa, foi levado em conta o grau de escolaridade de ambos, sendo capaz de constatar que o das mulheres é maior que o dos homens, independentemente das faixas etárias.

Na política, essa desigualdade também se expande: foi constatado que em 70 países as mulheres ocupam menos de 15% das cadeiras das câmeras no Legislativo, segundo a pesquisa feita pela Comissão Estatística das Nações Unidas ⁴.

Contudo, levando em conta os dados aqui apresentados, ao se pesquisar sobre material que indica a realidade da mulher no Brasil a partir de censos demográficos, somos bombardeados por conteúdos que abrangem os tipos de violência que as mulheres sofrem, revelando que a de gênero possui uma raiz profunda e histórica advinda da desigualdade social. E, assim, a realidade se apresenta assustadoramente, mostrando que no país elas

¹ <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2016/10/brasil-levara-95-anos-para-alcancar-igualdade-de-genero-diz-forum-economico-mundial.html> acesso em: 16/09/2019

² <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes> acesso em: 14/09/2019

³ <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2018/03/07/mulheres-ocupam- apenas-38-dos-cargos-de-chefia-no-brasil-aponta-ibge.ghml> acesso: 18/09/2019

⁴ <https://nacoesunidas.org/onu-16-fatos-sobre-desigualdades-entre-homens-e-mulheres/> acesso em: 14/09/2019

constituem cerca de 67% das pessoas agredidas fisicamente⁵. A cada nove minutos, uma mulher é vítima de estupro; três mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia; e 97% das mulheres já foram vítimas de assédio em meios de transporte.⁶

Se atualmente o discurso da modernidade é capaz de desconstruir tantos mitos e atitudes historicamente consideradas empíricas, por que ainda não conseguiu sanar o problema da reprodução de um sistema patriarcalista e machista? O movimento feminista tem sido considerado uma oportunidade para se discutir e lutar pelos direitos das mulheres.

Se no âmbito social, a luta se torna constante; na comunicação, as mulheres também resistem. Alguns dados apresentados ao longo da monografia indicam essa desigualdade. Sendo assim, o presente estudo busca trazer o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, um acontecimento midiático muitas vezes sob o olhar masculino, buscando refletir sobre o lugar de fala das mulheres e suas representações, pois, afinal, por que não ouvi-las?

Mulheres, enfermeiras, cozinheiras, trabalhadoras em indústrias bélicas... durante a segunda guerra mundial, as mulheres estiveram presente assumindo vários papéis. Elas ocupavam os espaços, só que muitas vezes suas histórias são invisibilizadas, o que consequentemente remete à figura estereotipada em filmes e imagens associando a guerra à imagem do homem em campo de batalha.

Assim, esta monografia busca analisar e discutir a fala da mulher na mídia a fim de questionar a representação do gênero feminino no meio comunicacional radialístico, mais especificamente no podcast, levando em conta que esse espaço, por ser caracterizado como uma nova mídia, permite experimentações e formatos diferentes do convencional transmitido pelo rádio massivo.

Precisamente, as questões que nos guiam nesta pesquisa são: de que forma a voz da mulher repercute numa sociedade machista? O porquê dessa desigualdade social? Como isso reflete nos meios de comunicação? Não pretendemos responder a todas elas de forma aprofundada, já que algumas demandam uma reflexão complexificada. Então, a ideia é propor tais reflexões que nortearão a presente pesquisa.

Essas questões, além de serem visualizadas num contexto geral, serão analisadas através do podcast e a partir do real problema que esse trabalho propõe, que é enxergar qual é o papel das mulheres como fontes no podcast “As filhas da Guerra”.

A ideia de se trabalhar o podcast na monografia é entendê-lo a partir da lógica de uma mídia em ascensão que dá espaços para variados conteúdos e formas de se trabalhar o áudio,

⁵ <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/> acesso em:18/09/2019

⁶ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/> acesso em 18/09/2019

não deixando para trás a potencialidade que ele possui em tratar variados temas que no rádio tradicional não há tempo e nem espaço. Como objetivo geral, propomos investigar como o podcast em questão, que trabalha a fala da mulher como elemento fundamentador e a importância delas enquanto fonte testemunha.

Também não deixamos de lado os objetivos específicos que buscam:

- Compreender a nova perspectiva do rádio e suas mudanças (convergências, público, discursos). Como o podcasting nasceu a partir do rádio e de que forma ele se apresenta como um meio plural do rádio expandido;
- Pensar como o podcasting “Projeto Humanos” traz novos conceitos jornalísticos sobre a construção do discurso a partir da análise do recurso de storytelling de narrativas imersivas.
- Analisar o discurso a partir dos relatos de Lili Jafe visando a potencialidade do testemunho através de sua fala. A fim de que questione a inserção das mulheres na história e sua possibilidade de fala;

A justificativa na qual esse trabalho está ancorada é na relevância de se entender o lugar de fala da mulher dentro do podcast, e de refletir também como elas são tratadas como fontes na perspectiva jornalística, compreendendo-as como pessoas portadoras do relato empírico. Além do mais, ao longo da pesquisa, o que nos impulsionou a realizar o trabalho foi a falta de material teórico que estudasse a mulher enquanto fonte no jornalismo, fazendo-se assim necessário e relevante o presente estudo.

Dessa forma, as questões levantadas vão se delineando ao longo do trabalho que está dividido em quatro capítulos: um sobre rádio; o segundo que traz uma reflexão sobre mulheres no rádio; o terceiro compondo a metodologia; e, por fim, o capítulo de análise.

O primeiro é um esboço para se entender todo o contexto histórico do rádio, como ele se mantém na modernidade, como hoje se configura como um meio expandido e como surgiu o podcast, formato tratado como “novo rádio”, traçando assim um paralelo entre seu funcionamento, expansão e audiência.

No segundo capítulo, visualizamos a perspectiva das mulheres no rádio através da sua inserção histórica. Refletimos, também, sobre várias questões de gênero que atravessam a discussão da mulher na mídia, não deixando de refletir sobre o lugar de fala, expandindo assim para a discussão das mulheres enquanto fontes jornalísticas.

Na metodologia, é apresentado o conceito da análise de conteúdo, além de definir alguns operadores de fontes jornalísticas para se analisar a primeira temporada do Projeto Humanos.

O quarto, e último capítulo, é dedicado a dissecar a primeira temporada a partir dos operadores da metodologia. Utilizando a análise de conteúdo que é capaz de apresentar os componentes da produção do podcast, os tipos de fontes, sobre o que elas falam e por quanto tempo falam, investigamos, assim, o papel de cada personagem que aparece em “Filhas da Guerra”. Finalmente tentando refletir: O que um podcast que fala sobre guerra pode revelar sobre a mulher na sociedade?

Capítulo 1: Convergência e rádio Expandido

O rádio é uma mídia que está em constante mudança, ele se reconfigura para poder atender a transformações políticas, tecnológicas e sociais que ocorrem ao passar dos anos. Diversos fatos contribuíram para as mudanças dessa mídia, dentre elas a chegada da televisão – que fez com que o investimento publicitário direcionado ao rádio diminuísse resultando na migração de grande parte da equipe técnica para o meio audiovisual – e a expansão da internet, que proporcionou novas formas de se fazer o rádio, tendo em vista que as novas tecnologias contribuem para o desempenho de funções cada vez mais aprimoradas (PRATA, 2008). Nesse contexto de mudanças, novas linguagens foram surgindo, espaços e público se reformularam. Podemos afirmar que o Rádio não morreu, ele está em constante transformação.

Para compreender melhor as mudanças que ocorreram e que contribuíram para sua transformação em busca da sobrevivência, é importante contextualizarmos, através do viés cronológico, as principais fases que marcam a história do rádio e que foram momentos de constantes reconfigurações do meio. Ferraretto (2012) divide a história do rádio brasileiro em quatro principais fases: (1) fase de implantação, fim da década de 1910 até a metade de 1930, que diz respeito a instalação de estações pioneiras e a regulamentação da publicidade; (2) fase de difusão, que se deu em início da década de 1930 até a segunda metade de 1960 correspondendo ao primeiro surgimento da televisão e da transistorização de receptores; (3) fase de segmentação, que vai desde o final da década de 1950 até o início do século XX, correspondendo ao advento da telefonia móvel, da internet comercial, das tecnologias e práticas a ela relacionadas; (4) fase de convergência, que se inicia na década de 1990 e segue até a atualidade (FERRARETTO, 2012, p.6).

Atualmente, o rádio vive a fase de convergência, momento em que podemos encontrá-lo além das ondas hertzianas, compondo-se como um meio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 25), resultado, entre outros fatores, da consolidação da telefonia celular e da internet. Esta última influenciou novos modos de acesso à informação e novos relacionamentos, proporcionando o surgimento de mídias sociais online, portais e sites.

Ao se referir sobre esse rádio que existe para além do suporte e para além das ondas hertzianas, acreditamos que é necessário apresentar o termo convergência. Para Ferraretto (2012), a convergência se baseia em pluralidade. Na pluralidade, percebe-se a desconstrução do rádio de massa e a aproximação de um modelo mais horizontal de veiculação da informação, com ouvintes tendo acesso ao conteúdo por diversos suportes.

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde a década passada, o veículo também se amalgama à Tv por assinatura, seja por cabo ou DTH (direct home); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em Ondas Curtas, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas webrádios ou, até mesmo, servindo de suporte alternativo sonoras assíncronas como o podcasting. (FERRARETTO, 2012, p.2).

Como visto, a pluralidade é uma das características da fase de convergência. Sobre este contexto, Jenkins (2009) afirma que a convergência não se define em apenas unir múltiplos serviços em um único aparelho, mas “representa uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. (JENKINS, 2009, p.30).

Fruto dessa fase, temos hoje que o rádio é um meio de comunicação expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), como mencionado anteriormente, pois sua transmissão não restringe apenas ao sinal de antena, ele migrou para outros meios e se apropria de outras plataformas para difundir conteúdo sonoro, fazendo com que o rádio participe de “um processo de convergência com outros meios de comunicação e com plataformas digitais” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 53). O rádio está presente em smartphones, tablets, redes sociais digitais, entre outros.

1.1 Podcast como novo rádio

Nesse cenário de pluralidade, onde tecnologias são reinventadas e meios de comunicação perpassam por diferentes plataformas, gêneros e formatos midiáticos apresentam-se cada vez mais híbridos, se intensificando e complexificando suas operações. Inserido dentro dessa cultura de convergência, o podcast surge no final de 2004, configurando-se como um sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet. O termo deriva da junção do “iPod” (tocador de Mp3 da Apple) e “Broadcasting” (transmissão, sistema de disseminação de informação em larga escala) (KISCHINHEVSKY, 2017).

É atribuído a Adam Curry a criação do podcast, a partir de um sistema operacional da Apple que se chamava applescript, utilizando uma linguagem de computador interpretada que trabalhava na interface do sistema da Apple (REZENDE, 2007, p.2). Mas para exercer a ideia de forma concreta, foi preciso que Curry disponibilizasse seu trabalho na rede para que outros programadores pudessem assim o complementar. Foi então que em 2004 Dannie Greigore aprimorou o sistema adicionando à transmissão o RSS⁷. Mas o que revolucionou o podcast foi a ideia de Curry com colaboração de Dave Winner de adicionar a suas configurações o feed RSS², que o diferenciou das demais plataformas como audioblogs, fotoblogs, videoblogs (ARANTES, 2013).

Carvalho citando Assis (2010) diz que a tecnologia do feed RSS funciona como base para o podcast. Ela permite que o usuário assine o conteúdo conforme sua escolha e assim o receba através do download para o computador ou player portátil. O ouvinte já não precisava mais entrar no site para acessar o novo conteúdo ou baixá-lo, bastava estar online que automaticamente eles eram listados pelo iTunes. Assim, eles poderiam ser baixados pelo computador ou players de áudio que foram popularizados na época de seu surgimento, como os iPods. Foi nessa fase de evolução e utilização que a Apple lançou a versão 4.9 do leitor de música do iTunes, com a opção nos menus “música” e “podcast”.

Foi através dessa ferramenta de assinatura de conteúdo por meio do RSS e da possibilidade de download que surgiu o termo podcast. (VICENTE, 2018, p. 90). A primeira fase do podcast estava ligada essencialmente com a distribuição de arquivos de áudio pela internet para download e posteriormente à reprodução. A prática dos ouvintes ainda era voltada aos dispositivos portáteis (VICENTE, 2018, p.92).

Eduardo Vicente, em seu artigo: “Novas Práticas de Produção e Consumo de áudio”, afirma que pouco a pouco a tecnologia do RSS e a prática tradicional de assinatura deixou de ser efetiva no consumo de podcast e acabou se descentralizando da tecnologia da Apple.

A popularização dos smartphones e de outros recursos de internet móvel, associada ao seu aumento de cobertura e velocidade, levaram a uma mudança da lógica do download para a do streaming. Com isso, de modo geral, a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou smartphone- diretamente do site de seus realizadores-, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes (VICENTE, 2018, p. 90).

⁷ Really Simple Syndication. Permite agregar conteúdo

² Feed RSS: formato de distribuição de informações em tempo real pela internet

Essa mudança, a partir da chegada de novas tecnologias como as do smartphone e da internet, deu autonomia aos ouvintes e produtores de podcast. Pois, através do download do arquivo, o usuário tem a possibilidade de escutar quantas vezes e quando quiser, não tendo a necessidade de acompanhar horários ou programações. Aos produtores se deu a liberdade de criar extensas produções, conteúdos densos e produtos sonoros diferenciados, antes evitados no meio radiofônico, pois agora os ouvintes podem ouvir no seu tempo disponível e conforme sua conveniência (MARQUES, 2011, p.5).

O funcionamento do podcast se distingue do rádio na internet pois nele não há necessidade de sintonizar em estações. A partir da assinatura do usuário no agregador de podcast, o conteúdo é baixado automaticamente no computador via RSS ou diretamente no smartphone. Para ouvi-lo, basta dar play pelo navegador, ou no caso do celular, pelo aplicativo. Para fazer o download basta ter um agregador no computador ou smartphone (MARIA, 2013). Hoje, existem inúmeras possibilidades de plataformas que agregam os podcasts como: CastBox, SoundCloud, Downcast, Podcast Go, Podbean⁸, além dos streamings de música que também aderem a mesma lógica de distribuição, como os mais atuais Deezer e Spotify.

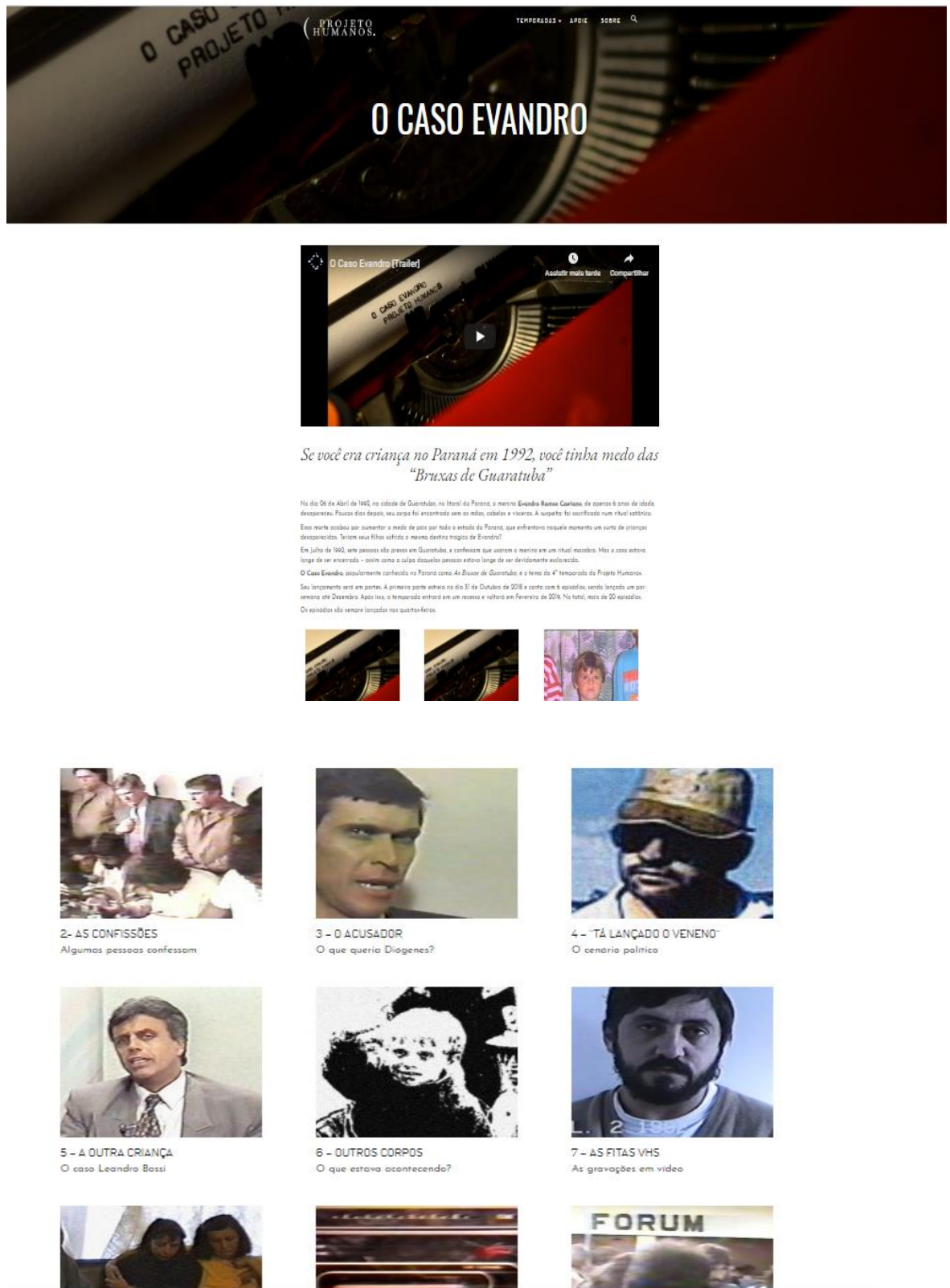
Também há podcasts que são hospedados em sites próprios, neles há mais detalhes do conteúdo, elementos textuais e visuais, além do contato e interação mais próximos com ouvintes, trazendo mais informações de contato e possibilidade de associação. Como exemplo, seguem abaixo duas imagens que ilustram nosso objeto de pesquisa, o Projeto Humanos, em dois suportes diferentes: no próprio site e na plataforma de música Spotify.

Nesse exemplo é mostrada a quarta temporada do Projeto Humanos. O Caso Evandro trata-se de um caso criminal brasileiro, ocorrido no Paraná na década de 1990. Como essa temporada foi fruto de um estudo que durou por 2 anos, Ivan Mizanzuk, idealizador do podcast, opta por detalhar e trazer todo o desdobramento da história através de outros recursos multimídia.

⁸ Exemplos retirados do site:

<https://www.apptuts.com.br/tutorial/android/melhores-apps-de-podcast-para-android/>
<https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/> acesso em 18/05/ 2019
<https://open.spotify.com/show/3ImOWdGnN8mHFNaKwMSFJx#> = acesso 19/05/2019

Figura 1. Visualização do episódio: O Caso Evandro pelo site, em 19 maio. 2019



O CASO EVANDRO

Se você era criança no Paraná em 1992, você tinha medo das "Bruxas de Guaratuba"

No dia 06 de Abril de 1992, na cidade de Guaratuba, no litoral do Paraná, o menino **Evandro Ramus Carls**, de apenas 6 anos de idade, desapareceu. Poucos dias depois, seu corpo foi encontrado sem os olhos, cabelos e vísceras. A suposta foi sacrificado num ritual satânico. Esse morte acabou por aumentar o medo de pais por todo o estado do Paraná, que enfrentava naquele momento um surto de crianças desaparecidas. Teriam seus filhos sofrido o mesmo destino trágico de Evandro?

Em julho de 1992, sete pessoas são presas em Guaratuba, e confessam que usaram o menino em um ritual macabro. Mas o caso estava longe de ser encerrado - assim como o caso daqueles pessoas enterradas longe de ser devidamente esclarecido.

O **Caso Evandro**, popularmente conhecido no Paraná como **As Bruxas de Guaratuba**, é o tema da 4ª temporada de Projeto Humanos. Seu lançamento será em partes. A primeira parte estreia no dia 31 de Outubro de 2018 e conta com 6 episódios, sendo lançado um por semana até Dezembro. Após isso, a temporada entrará em um recuo e voltará em Fevereiro de 2019. No total, mais de 30 episódios. Os episódios vão sempre lançados nos quintas-feiras.

2- AS CONFISSÕES
Algumas pessoas confessam

3 - O ACUSADOR
O que queria Diogenes?

4 - "TÁ LANÇADO O VENENO"
O cenário político

5 - A OUTRA CRIANÇA
O caso Leandro Bossi

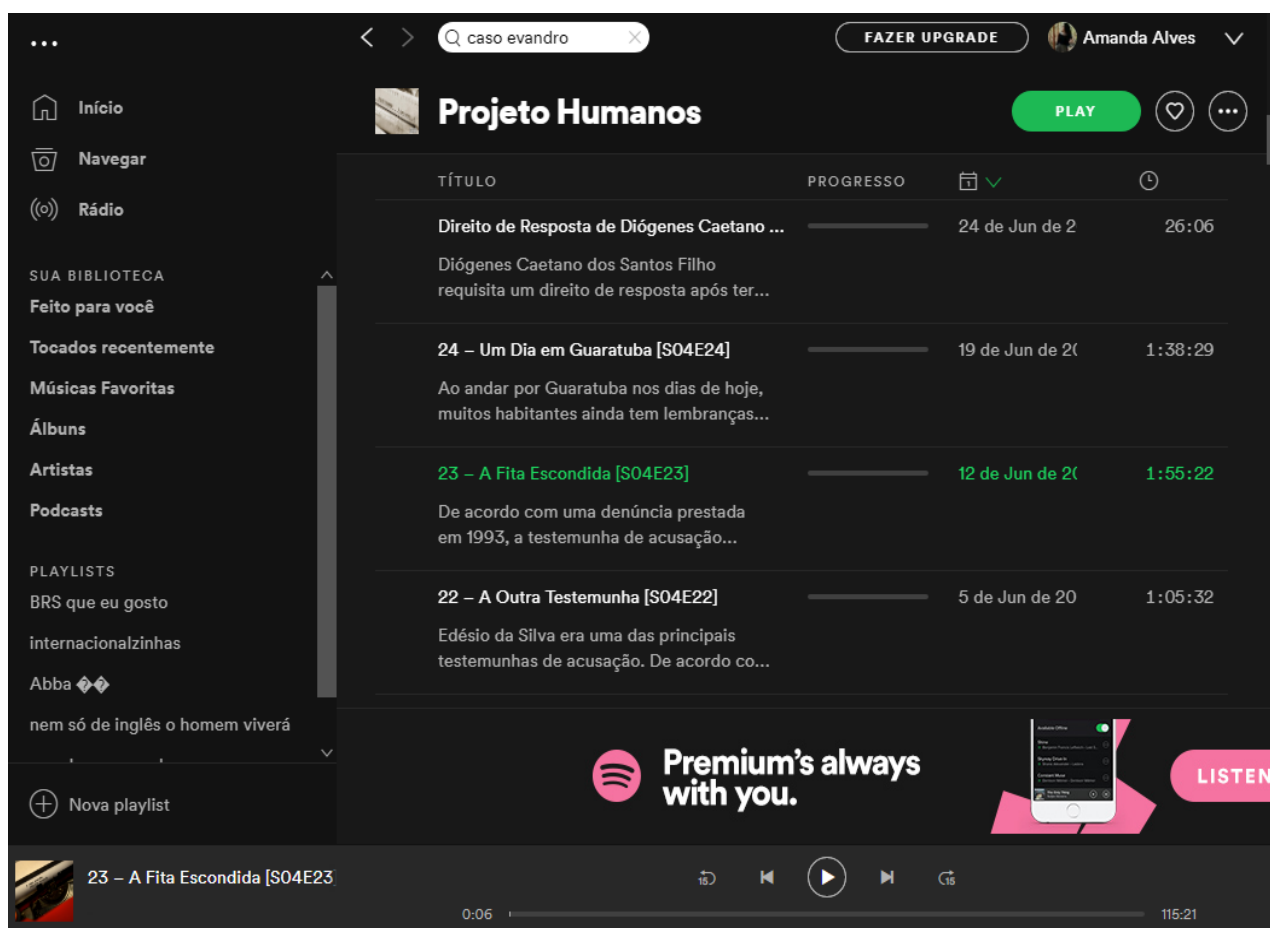
6 - OUTROS CORPOS
O que estava acontecendo?

7 - AS FITAS VHS
As gravações em vídeo

FORUM

Fonte: Projeto Humano

Figura 2. Visualização do podcast: Projeto Humanos pelo Spotify em 19 de Maio 2019



Fonte: Spotify

Enquanto o Spotify se encarrega de listar todos os episódios de cada temporada individualmente, diferenciando as temporadas pela imagem de capa no ícone de reprodução, o site do Projeto Humanos traz uma lógica mais trabalhada nos episódios, cada temporada utiliza de diferentes elementos para contar a história. Na temporada do Caso Evandro, por exemplo, o produtor opta por adicionar um trailer, redigir um texto para contextualizar a história e logo abaixo disponibiliza links através dos ícones com fotos que encaminham o leitor a um episódio específico do podcast em que ele está falando sobre um assunto da apuração do caso.

Nota-se, então, que o podcast além de abranger o áudio pode utilizar outras linguagens, já que os conteúdos de mídias (texto, foto, vídeo) também podem ser distribuídos via RSS. Mas o podcast ganha força e popularidade através do áudio pois a sua distribuição se torna quase exclusiva quando se pensa em suas funcionalidade (VICENTE, 2018, p. 90). A partir disso, percebemos o quanto ele se adapta às novas lógicas de produção, adequando o

tipo de linguagem do seu tempo e fazendo com que cada vez mais se torne popular, acessível e híbrido.

1.2 Para além das Ondas Hertzianas

Diferentemente de uma fase experimental, como nos anos 2000 quando tocadores multimídia entravam em ascensão trazendo novas opções de escuta de produções sonoras, o podcast começa integrar o meio sonoro em 2004. A priori, ele era utilizado como uma mídia de caráter pedagógico, pois levava ao ouvintes produções sonoras de mais variados assuntos. Fomentando assim, um crescimento e interesse por parte dos ouvintes, fazendo que os mesmos se interessasse cada vez mais em mídia sonora em dispositivos móveis (KISCHINHEVSKY E LOPEZ, 2017, p.5).

O podcast foi se ampliando a partir de 2012 durante a “Era de Ouro” (BONINI, 2015), onde o setor de radiodifusão passou a abrigar produções independentes em larga escala. Os produtores de emissoras e os indivíduos que antes não eram inseridos neste meio de comunicação passaram a ter uma relação de troca, assinando acordos de distribuição de podcasts, fazendo com que o alcance de audiência se tornasse maior (KISCHINHEVSKY, LOPEZ, 2017, p.5).

Dessa forma, a popularização se tornou a chave dessa fase a partir da prática do patrocínio e modelos de negócio como o *crowdfunding*, o que culminou fortemente na explosão de formatos narrativos independentes (KISCHINHEVSKY E LOPEZ, 2017, p.5).

Com o crescimento e valorização do consumo do áudio, o podcast se tornou alvo de discussões sobre seu funcionamento, trazendo como o centro das abordagens a questão se o podcast seria ou não um novo rádio. Herschmann e Kischinhevsky (2008) reconhecem que o podcast integra a modalidade de radiodifusão agindo como um elemento que supre a necessidade dos usuários, tendo em vista o novo contexto de urgência de receber as informações atuais. Sendo assim, partimos do entendimento que o podcast surge de maneira híbrida para integrar o rádio, meio que atualmente vive um momento de redefinição diante da revolução trazida pela convergência tecnológica (HERSCHMANN E KISCHINHEVSKY, p. 101, 2008). Tanto o rádio como podcast possuem como fator em comum o áudio, mas ainda assim mostram diferenças em seus processos comunicacionais.

Logo percebe-se que o elemento que mais demonstra diferenças ao se comparar os dois formatos é a instantaneidade. O rádio tradicional, a priori, utiliza do recurso ao vivo para dar ao ouvinte as informações em primeira mão sobre o que está acontecendo: a notícia, o fato, o evento. Já as produções de podcast são gravadas, e quando se pretende utilizar o recurso que se aproxime do ao vivo, ele acaba por ser simulado dentro do estúdio. Isso aponta, portanto, uma importante distinção entre o rádio e podcast, mostrando que o rádio tradicional

ainda ocupa espaço e se destaca pelas transmissões imediatas e instantâneas (VICENTE, 2018, p. 105).

Por outro lado, o podcast parece superar o imediatismo e a ideia de que a mensagem precisa ser recebida no momento que é emitida, como no rádio tradicional. Essa característica faz com que ele se torne um formato com produção elaborada, dando aos ouvintes a possibilidade de (re)escuta e uma imersão diferenciada do rádio tradicional.

Considerando a recepção assíncrona do podcast, essa possibilidade dos usuários escolherem quando e onde vão ouvir o conteúdo é importante, pois representa o consumidor dando a ele a autonomia de escutar programações radiofônicas que quer ouvir mas que não são comuns no dia a dia do rádio tradicional, a exemplo narrativas jornalísticas, como o próprio Projeto Humanos produz. Percebe-se que isso também foi se aperfeiçoando ao longo do tempo, pois inicialmente, a maioria das programações do podcast se baseava em sequências musicais dos ouvintes, uma espécie de playlist. Com o passar do tempo as produções foram se sofisticando, utilizando de locuções, efeitos sonoros e trilhas (KISCHINHEVSKY, 2008, p.103).

O que é veiculado também se diferencia. Qualquer música, por exemplo, pode ser tocada por emissoras de rádio convencionais, pois elas possuem autorização para ser divulgada, já que geralmente é pago um valor fixo mensalmente pelos direitos. Utilizar a música no podcast se torna mais difícil, pois dentro desse espaço é necessário ter autorização dos responsáveis legais pela trilha e também permissão para execução e edição (VICENTE, 2018, p.96). Dessa maneira, o podcast acaba se caracterizando por ser uma produção que dá lugar quase que exclusivamente à fala, pois se utiliza dela e de demais recursos sonoros para compor as produções.

O tempo, visto como elemento de análise, mostra como a relação com o público se caracteriza. Por apresentar vários assuntos em um único programa, o podcast acaba criando uma relação de periodicidade de produção de novos episódios, seja diário, semanal ou mensal, fazendo com que o ouvinte retome ou seja instigado a ouvir os novos conteúdos. De certa forma, se assemelha com a plataforma de filmes e séries via streaming Netflix, que diferentemente do rádio, oferece um serviço sob demanda, desvinculado da grade de programação de emissoras tradicionais, assim como os podcasts.

Segundo Vicente (2008, p.89), a tradição do rádio foi essencial para consolidar e entender a identidade do podcast. Contudo, o podcast carrega diferenças dentro da lógica de funcionamento e apresenta outra relação com o tempo, com o ouvinte e com diferentes demandas. Essas características contribuem para que o podcast caminhe para um lugar de

democratização da informação e do discurso, fazendo com que os conteúdos se tornem múltiplos e as produções se tornem cada vez mais distintas, dando espaço a conteúdos jornalísticos, mas também dando possibilidade ao conteúdo de empreendedorismo, auto ajuda, humor, esportes, religião, educação, político, movimentos sociais e tantos outros que estão surgindo na era da informação (HERSCHMANN E KISCHINHEVSKY, 2008, p. 104,).

Em suma, o podcast surge estabelecendo uma relação de complementaridade. Enquanto o rádio distribui músicas e informação, tornando-se parte do dia a dia dos ouvintes, o podcast vem como uma lógica diferente, propondo outra relação de escuta com variedades de conteúdos e propondo novas formas de experimentação sonora.

1.3 O Podcast no Brasil em números

Segundo Silva (2008), o primeiro podcast a surgir no Brasil foi o Digital Minds⁹, com início em 2004 por Daniel Medeiros. O idealizador queria diferenciar seu blog pessoal (homônimo) dos demais que já existiam. Nessa época, outros blogs já utilizavam o áudio, mas não se caracterizavam como podcast por não ter a possibilidade de assinatura por RSS.

No mesmo ano, várias produções do mesmo formato começaram a surgir, como o Perhappine¹⁰, de Rodrigo Stulzer, e Código Livre¹¹ de Ricardo Macari. O Código Livre é o mais antigo podcast brasileiro que ainda é produzido regularmente (BUFARAH apud ASSIS, 2009). No ano seguinte, nasceram muitas outras produções. Com o alto crescimento da mídia, no ano de 2005 foi criada a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil) em Curitiba, o primeiro evento brasileiro totalmente voltado ao assunto (BUFARAH, 2017).

Durante o PodCon, foi criada a Associação Brasileira de Podcast¹², que teve por objetivo a coordenação, orientação e representação de locutores, produtores, comentaristas e pessoas que divulgavam o podcast brasileiro. Contudo, o formato sofreu uma queda significativa em 2005, o “podfade”, caracterizado pelo fim de vários podcasts não só no país mas no mundo. Esse fenômeno fez com que prêmios e novas edições do PodCon fossem adiados.

A situação foi revertida em meados de 2006, onde a “primeira geração” de podcast voltou a produzir e, a partir disso, surgiram muitos outros fazendo com que a mídia voltasse a crescer. O aumento de produções foi sendo gradativo durante os anos, repercutindo

⁹ <https://www.digitalminds.com.br/> acesso em 22/05/2019

¹⁰ <http://stulzer.net/blog/about/> acesso em: 22/05/2019

¹¹ <http://codigolivre.net/> acesso em: 22/05/2019

¹² <http://abpod.com.br/> acesso em: 22/05/2019

positivamente, até que em 2008 foi realizada a primeira edição do Prêmio Podcast¹³, um evento com várias categorias sendo avaliadas pelo público e por jurís. Naquele ano, o ganhador do prêmio foi Escriba Café¹⁴, produto de Christian Gurtner, voltado para a narrativa de histórias humanas e universais sobre o passado, presente e futuro (LUIZ E ASSIS, 2010).

Ao observar como o podcast teve um crescimento significativo, percebemos que ele se mostra como uma alternativa sonora em tempos atuais. Percebemos, inclusive, que ele ganha força pela diversidade. Pesquisa feitas pelo Ibope, em 2019¹⁵, aponta que 4 em cada 10 internautas já ouviram podcasts no Brasil. A pesquisa se desenvolveu com base em cerca de 120 milhões de internautas, mostrando que 40% dessas pessoas já tiveram contato com o formato.

Os números apontam diferenças aos gêneros dos ouvintes: jovens, homens e integrantes da classe A e B são o público que mais ouve podcast. Contabiliza-se que cerca de 45% já ouviram ao menos uma vez, enquanto as mulheres são totalizadas em 36%. Em questão de familiaridade, a pesquisa ainda revela que 47% dos jovens já ouviram algum podcast e entre os mais velhos apenas 30%. Sendo assim, as mulheres e pessoas com mais de 55 anos demonstram ser os grupos que menos ouvem podcasts.

A maior concentração de ouvintes de podcast é na região sudeste do país, estimando cerca de 55,4%. Atentando-se à forma com que os usuários ouvem os programas, os smartphones são considerados os equipamentos mais utilizados por cerca de 75% dos internautas e em segundo lugar vêm os computadores, estimando cerca de 40% na preferência do público. Pensando em questão do público, os jovens constituem o grupo que mais possui interatividade e contato com o podcast, com faixa etária de 16 a 24 anos. Destes, 47% escutam programas pelo menos uma vez por semana e 27% ouvem três vezes ou mais.

O podcast no Brasil se mostra como um formato de fácil acesso ao público. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod)¹⁶, 74,6% dos usuários possuem preferência pela liberdade de se ouvir em qualquer hora e em qualquer lugar, e 75,5% acompanham produções por causa da qualidade e diversidade no conteúdo. Dessa forma, entende-se que o funcionamento em si anda em diálogo com os usuários, já que os mesmos buscam cada vez mais consumir diferentes mídias a partir de suas características subjetivas, tal como Arantes afirma (2013, p. 2):

¹³ <http://www.premiopodcast.com.br/> acesso em: 22/05/2019

¹⁴ <https://escribacafe.com/> acesso em 22/05/2019

¹⁵ <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviam-podcast-no-brasil/> acesso em: 19/05/2019

¹⁶ <http://www.assuntoscriativos.com.br/2019/01/crescimento-do-podcast-no-brasil.html> acesso 19/05/2019

Quando falamos dos estoques de informação, o acervo, o quantum de informação armazenada poderíamos dizer que, este é um dos artefatos com que operam os agregados de informação: a posse e a distribuição dos estoques de informação. Estes estoques estáticos não geram conhecimento. Existem como possibilidade, como potência da condição de gerar conhecimento. Para que o conhecimento opere é necessário uma transferência desta informação para a realidade dos receptores e uma conjuntura favorável de apropriação desta informação pelo indivíduo. Nesse momento nada é mais subjetivo, privado e individual que, a assimilação do conteúdo de uma informação pelo receptor. Na solidão da assimilação o receptor é uno e a apropriação da informação é dele, de mais ninguém. É este então o lugar do conhecimento (ARANTES, 2013, p.2).

Logo, percebe-se que dentro dessa lógica de mundo compartilhado, cada conteúdo da informação que o usuário ouve representa diretamente o interesse de cada indivíduo. E em meio a tantas possibilidades que o podcast traz, os conteúdos refletem na representatividade de cada público, composto por pessoas individuais e subjetivas. O embate que nos é proposto é encontrar diferentes vozes dentro desse espaço, que compõem uma grande narrativa que pode ser considerada, em parte, como um reflexo da sociedade em que vivemos.

1.4 Audiência Radiofônica

Ao se atentar para a audiência do rádio e a relação com o público, vemos as características da sua presença física se transformando ao longo do tempo, principalmente no meio social. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)¹⁷ que é realizada anualmente pelo IBGE, o número de aparelhos analógicos se alterou de forma brusca durante os anos. O ano de 1998 foi de grande presença do rádio nos lares brasileiros, atingindo o percentual de 90,5%. Já em 2015, o percentual caiu para 69,2%. A queda não significou necessariamente um abandono do rádio, mas demonstra como sua relação se transformou com a popularização da internet.

O quadro abaixo apresenta a porcentagem de aparelhos de rádio e televisão a partir do ano de 2010 até o ano de 2017, comprovando, assim, a diferença entre os dois meios. Enquanto a televisão oscila, mas ainda assim possui números representativos, o rádio sofre um declínio, resultando na diminuição de aparelhos analógicos nas casas brasileiras.

¹⁷ <https://www.teleco.com.br/pnad.asp> acesso em: 13/05/2019

Quadro 1- Aparelhos de Rádio e televisão por domicílio

%	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Rádio	81,4%	83,4%	80,9%	75,7%	72,1%	69,2%	-	-
Televisão	95,0%	96,9%	97,2%	97,2%	97,1%	97,1%	97,2%	96,7%
Domicílios	57.324	62.117	63.768	65.130	67.039	68.037	69.318	70.382

Fonte: PNAD (IBGE)

Mesmo com a queda de uso de aparelho analógicos, vimos que ele ainda possui grande importância social como meio de informação. Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira¹⁸, 2 em cada 3 entrevistados disseram ouvir rádio todos os dias. Ao traçar uma média de frequência, o resultado obtido é que os brasileiros ouvem 3 horas diárias de rádio entre segunda e sexta-feira.

Mediante os dados surge a seguinte questão: Como o rádio se mantém ativo como meio de comunicação sendo que dados apontam para a diminuição dos aparelhos nos lares? A resposta para esse questionamento parte do pressuposto de que embora o aparelho analógico ainda seja utilizado para sintonizar o rádio hertziano, ele deixou de ser a forma exclusiva do ouvinte para acessar a programação, assim como foi abordado no último tópico.

Ao se atentar para forma que a informação é recebida, a lógica do processo comunicacional é estabelecida através da ideia de emissão e recepção, e no rádio não é diferente. A professora Nair Prata (2002) explica que as atuais pesquisas de comunicação se voltam para o receptor devido a importância de se entender o público, entender o que pensa, o que quer, o que deseja e como age enquanto sujeito dentro do processo de comunicação.

Para compreender o receptor é preciso observar os perfis de audiência em meio ao coletivo de ouvintes. Prata, no seu artigo que aborda a fidelidade de ouvintes do rádio, buscou traçar características que ilustram a relação dos ouvintes com o meio e de que forma os mesmos se sentem motivados a permanecerem seguindo determinados programas. O primeiro fator que a professora aborda é a tradição;

A tradição, mesmo que não dê uma audiência grande, mas fique no ar muitos anos, o programa acaba tornando-se sinônimo da emissora. Assim, também viram sinônimo da emissora o locutor, aquele formato determinado, a linguagem utilizada. As

¹⁸<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> acesso em: 25/05/2019

emissoras FM têm sempre uma fidelidade muito menor em função disso, porque a música é o que faz o diferencial e não o locutor. Esta é uma das diferenças importantes do AM para FM; a locução no AM é o que faz a diferença e no FM é a música. O peso do locutor do FM é menor do que o AM e, muitas vezes, o ouvinte nem sabe o nome do comunicador da rádio FM que ouve há muito tempo (PRATA, 2002, p.6).

Essa tradição que a autora apresenta está ligada com a ideia do rádio tradicional, como por exemplo a Rádio Itatiaia que está no ar desde 1952. Então, significa que os ouvintes mais antigos, em sua maioria, irão conhecer o meio, os apresentadores, as programações e horários, além de saber os dias e o quê cada programa contém. Dessa forma, Prata (2002, p.10) afirma que se estabelece uma relação de segurança para o ouvinte, ela denomina-o como “ouvinte fiel, que sendo habituado a seguir a grade de programação, saberá qual horário e dia que irão passar seu programa favorito. É uma relação de costume a partir da escuta dos programas no rádio.

No podcast, essa relação de tradicionalidade parece estar mais ligada com o hábito de se ouvir o podcast no dia em que é lançado do que há quanto tempo o indivíduo segue o formato. Em partes, isso se deve pela produção do podcast, que acaba por ser mais elaborada e de duração maior do que os programas radiofônicos convencionais. Logo, a maioria dos produtores opta por ter um dia da semana reservado para lançar os episódios, construindo certa fidelização por parte de sua audiência. Assim, a ligação dos ouvintes com o meio poderá ser entendida de várias formas, seja do ouvinte acompanhando o próximo episódio para descobrir o desdobramento do último ou simplesmente acompanhando por gostar do segmento de produção do podcast.

A interatividade, por sua vez, acaba sendo um elemento que ganha destaque tanto no rádio tradicional quanto no podcast. Segundo Quadros e Lopez (2015), desde a década de 1920 os ouvintes marcam presença nas transmissões, tanto mandando cartas, participando dos programas pelo telefone ou auditório, em visitas às emissoras ou através das recentes plataformas e dispositivos digitais que buscam aproximar os ouvintes. As autoras reconhecem que em meio ao cenário de convergência, os ouvintes estão para além dos dispositivos tradicionais, defendendo que mais importante que a sincronidade é a reciprocidade das interações, fator determinante da definição de interatividade.

Logo, a relação entre emissor e ouvinte traz várias possibilidades de interações, sendo em chats virtuais sobre rádio, no site da emissora, via e-mails ou redes sociais. Lopez (2010) aponta que:

A inserção do rádio na internet e a apropriação de características e ferramentas próprias da rede mundial de computadores refletem uma necessidade do meio adequar-se ao novo cenário e ao novo perfil do ouvinte, que agora também está conectado. Gradativamente a interatividade passou a consolidar-se como um dos elementos centrais do rádio na internet, de comentar e avaliar conteúdos, de seções como o tradicional “Fale Conosco” programas de mensagens instantâneas também vieram acrescentar o rol de ferramentas interativas que o rádio explora através da internet. As interações e diálogos que passaram a ser mantidos por meio dessas plataformas, entretanto, logo passaram também a interferir no conteúdo sonoro. Hoje o que se nota na programação radiofônica são referências cada vez mais constantes à presença multiplataforma do rádio, e em alguns casos, a interferência direta das contribuições da audiência, enviadas através destas diferentes plataformas (LOPEZ, 2010, p. 41).

Neste novo rádio, a relação entre meio e audiência é contínua, pois o receptor presente agora tem mais variedades nas formas de se interagir com as produções que acompanha. No podcast, isso fica assimilado com a aposta dos produtores em criar fóruns para os ouvintes expressarem suas opiniões, para pedirem algum tipo de conteúdo específico ou para tecerem comentários pessoais, além das interações proporcionadas pelas *lives*, ou até mesmo pelos sites oficiais, onde busca-se saber o que o ouvinte tem a dizer e quais são suas opiniões e preferências.

A partir também da relação entre ouvinte e emissor é possível perceber como o meio se apresenta no imaginário social. Prata (2002) denomina como o “fator de credibilidade” outro aspecto que faz com que os ouvintes tenham como preferência aquele meio específico. A credibilidade nada mais é do que a qualidade daquilo que é crível, e no rádio isso se atrela ao fato do meio retratar a verdade, trazer veracidade ao que é dito, sejam informações, noticiários, programas ou transmissões. Dessa forma, a relação de audiência se mantém a partir da confiança do ouvinte com o meio e isso pode ser desenvolvido por vários fatores, sejam eles o tempo em que o veículo está no ar, o tempo da sua produção ou até mesmo que tipo de influência ele exerce socialmente enquanto veículo de comunicação.

No jornalismo, a credibilidade é trabalhada a partir das fontes. No podcast, é perceptível que a credibilidade é trabalhada na forma de se produzir o conteúdo, assim o jornalista utiliza recursos, como por exemplo o uso de fontes para que a partir deles, o público acredite no fato. Mesmo quando o conteúdo do podcast não está essencialmente ligado ao jornalismo, há tendência do meio em recorrer a pesquisas ou fontes para se falar sobre determinado assunto, fato que além de agregar na produção apresenta uma base mais concreta para atestar aquilo que está sendo dito ou defendido.

É justamente dentro dessa lógica de expansão e mudanças que Kischinhevsky (2008) aponta que o aumento das audiências do podcast se deve pelo fato do meio garantir mais liberdade, um “fator de sedução” segundo o autor, pois dentro podcast não se tem regras

rígidas de locução, linguagem ou temas abordados. Logo, com toda a autonomia e abertura que o podcast traz enquanto meio de comunicação, as produções de conteúdo vão ao encontro dos mais variados temas, assuntos e gêneros, como música, religião, ativismo, os jornalísticos, de moda, gastronomia, games e humor, entre muitos outros que refletem um público heterogêneo, que busca as mais variadas informações.

Dessa maneira, é reconhecível que as audiências do podcast vêm se transformando, assim como a audiência do rádio. Dessa forma, pode-se perceber alguns elementos desse meio se repetindo, como a ideia de tradição, ou se intensificando, como o conceito de interatividade. Contudo, tanto no rádio quanto no podcast, a credibilidade é um fator importante que é buscado entre os meios de comunicação, e em tempos de veiculação de falsas informações a sua importância se estende e se torna primordial para nos atentarmos ao que ouvimos e consumimos na mídia.

Sendo assim, as considerações aqui abordadas encaminham-se a partir da compreensão do podcast como um formato do rádio expandido na internet podendo oferecer narrativas secundárias em multimídia. Nesse sistema, o ouvinte pode escolher onde e o que vai consumir, podendo ele mesmo alterar o fluxo de consumo da mensagem sonora, descentralizando a emissão e recepção, além de tornar mais amplo o contexto de produção e consumo de conteúdos radiofônicos.

Se antes tínhamos no rádio tradicional uma programação diária estabelecida, conteúdos informativos com gêneros determinados, sendo em sua maioria voltado para o jornalístico ou entretenimento, hoje, num cenário de convergência, temos plataformas que vão complementando as lacunas do rádio tradicional, fazendo com que ele esteja inserido na modernidade atendendo as demandas das novas audiências e ressignificando a prática do “se fazer rádio”. Através dessa lógica complementar, o podcast vem ganhando importância enquanto meio de comunicação pela sua potencialidade de difusão sonora e também pela liberdade que o meio traz em relação a produção de conteúdo.

É certo que por meio dessa mídia possuímos acesso a materiais diversificados para variados segmentos, e é dentro dessa gama de narrativas que observamos como os gêneros se expressam e também como alguns elementos que remetem ao jornalismo tradicional se fazem presente nas construções da informação. Caminhamos em busca de se entender o lugar de fala das mulheres dentro do podcast e como sua expressão pode representar muito da nossa sociedade, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 2: Mulheres e o Rádio

A ausência de imagens e vozes de um Brasil plural faz com que as mulheres tenham dificuldade de serem visibilizadas no meio social. Hoje, o gênero feminino, que constitui cerca de 51,5% da população¹⁹, convive com a subalternidade reforçada, desafio que enfrentamos durante toda a história da humanidade para que o gênero possa ter seu espaço legitimado e seus direitos de igualdade assegurados em relação ao homem.

A desigualdade se mostra para além dos microfones, nos meios de comunicação e nas instâncias de produção cultural. A diferença se apresenta a partir da questão da conquista ou da falta de espaço conferido às mulheres. Segundo a University of Southern California (USC), ao pesquisar sobre a presença de homens e mulheres na indústria fonográfica em 2018, a partir das músicas mais tocadas -Billboard Hot 100, percebeu-se que apenas 17% das canções de toda lista eram compostas, produzidas ou interpretadas por mulheres. Além disso, o estudo também aponta que dentre as 1.604 pessoas indicadas ao Grammy entre 2013 a 2019, os homens representam maioria, contabilizados em 89,6%. Na mesma pesquisa, ao entrevistar cerca de 75 compositoras e produtoras, 43% sentiram suas habilidades menosprezadas e 39% relataram ter sofrido estereótipos e sexualização²⁰.

Ao se voltar para o rádio, o que se observa é que não existem dados concretos sobre a presença das mulheres no atual cenário brasileiro. Contudo, algumas pesquisas são voltadas a mapear a presença feminina em alguns grupos regionais e apontar a realidade observada, como por exemplo o projeto Mulheres de Expressão²¹: uma campanha do ano de 2016 que reuniu as radialistas do Nordeste brasileiro para discutir a atual conjuntura do rádio naquele ano. Ao final da ação, foi identificada a pouca autonomia das mulheres na mídia e várias reflexões de como as mulheres adentraram no rádio: com mediação do homem.

Além disso, o que mais sobressaiu nos relatos da investigação do projeto e que também atravessa a atual pesquisa é a dificuldade que as mulheres encontram ao cobrir temas que historicamente são tratados como “masculinos”. Seriam esses temas mascarados pela falsa impressão de que as jornalistas não se interessam pelo tema ou a falta de espaço que elas encontram para abordar determinados assuntos? Tais perguntas permeiam as discussões sobre o tema.

¹⁹ <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html> acesso em 22/06/2019

²⁰ <https://www.cifraclubnews.com.br/noticias/144149-apenas-17-das-100-musicas-mais-ouvidas-foram-feitas-por-mulheres.html> acesso em: 14/09/2019

²¹ <https://artigo19.org/mulheresdeexpressao/> acesso em 14/09/2019

Ao trazer para o cenário mais amplo do jornalismo, esse problema é visto por uma ótica de raiz social. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI)²², juntamente com a revista Gênero e Número, realizaram uma pesquisa em 2017 abordando as “Mulheres na Mídia”, avaliando cerca de 271 veículos de comunicação diferentes e levando em conta o número de jornalistas mulheres que atuam nesses espaços. O objetivo da ABRAJI a priori buscava mapear a violência e o assédio dentro do mercado de trabalho, porém os resultados também apontaram a presença de ameaça à liberdade de expressão e a violência de gênero.

Para levantar dados para tal pesquisa foram entrevistadas cerca de 42 mulheres dos grupos de jornalistas de Brasília, São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Os dados apontam que cerca de 83,3% das entrevistadas disseram ter sofrido algum tipo de violência psicológica dentro das redações. A partir dos números apontados pela pesquisa quantitativa, a questão que restou para ABRAJI era descobrir se esses números também se aplicavam a grupos maiores, foi então que definiram a partir dos grupos focais, a aplicação de questionários online aberto de 26 de junho a 28 de agosto de 2017, buscando alcançar o maior número possível de mulheres. Ao final da pesquisa, obteve-se respostas de cerca de 477 mulheres.

Como resultado, observou-se que 73% das jornalistas que participaram da pesquisa afirmaram ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no ambiente de trabalho. Do total, 46% disseram que nas empresas onde trabalham não existem canal de denúncia de assédio ou discriminação de gênero e 64% já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes. Já 70,4 % das jornalistas que responderam admitiram terem recebidos cantadas que as deixaram desconfortáveis no ambiente de trabalho e 17,3% das jornalistas relataram ter sofrido algum tipo de agressão física no trabalho.

Para além da pesquisa quantitativa, as entrevistadas também compartilharam alguns relatos pessoais, o fator que mais se repetiu nas falas foi a discriminação de gênero no ambiente do trabalho, mostrando que a ascensão para elas é muito mais difícil do que para o homem.

Meu chefe, quando eu ainda era estagiária, me disse que não me efetivaria porque ‘só trabalho com homens’. ...fiquei sabendo que essa editora queria, na verdade, um homem porque ‘já tinha muita mulher na equipe’. Eles não tiveram nenhuma vergonha em me dizer que optaram pelo rapaz porque ele era homem e não tinha filho. Eu sou a repórter que ganha menos na minha editoria. Eu sou o menor salário. Eu fiquei dois anos como produtora, mas

²²<https://abraji.org.br/noticias/abraji-divulga-resultados-de-pesquisa-sobre-mulheres-jornalistas-no-dialogos-genero-e-numero> acesso em: 22/06/2019

fazia reportagens também, com um salário menor do que o deles (Relatório ABRAJI, 2017, p. 10).

Mediante os resultados da pesquisa, é possível entender como a realidade que os dados demonstram se torna um reflexo da sociedade e como esse embate entre a igualdade ainda é um desafio grande para as mulheres. Todavia, mesmo com a inserção de mulheres no rádio desconstruindo as lógicas tradicionais, elas resistem e persistem na sociedade e na comunicação para que a igualdade seja alcançada, fazendo da fala um instrumento de denúncia.

A reflexão que nos é proposta é olhar para cada espaço social e nos questionar se existem mulheres ocupando os lugares ou até o porquê das mulheres não estarem inseridas dentro deles. Se no social a luta se torna constante, na comunicação as mulheres resistem.

Quem está falando? Sobre o que está dizendo? O que isso reflete?

É dentro dessa lógica de se comunicar que as vozes se expandem. Se o rádio tradicional se convergiu com as demais mídias, trazendo assim o podcast como fruto dessa expansão, o novo formato então surge como uma ferramenta de democratização de conteúdo. Configurando-se, assim, como mais um espaço a ser ocupado por elas. A seguir, abordaremos o rádio num viés histórico, a fim de que se perceba a presença das mulheres dentro desse espaço e o impacto social que isso possui.

2.1 Viva Maria, a Revolução delas

Mas quando de fato as mulheres passaram a ocupar o espaço perante os microfones das rádios? Pode-se dizer que foi através da iniciativa de criação do programa Viva Maria, na rádio Nacional AM de Brasília em 14 de Setembro de 1981. Viva Maria tinha por objetivo debater vários assuntos relacionados à mulher num viés de conscientização social, como a questão de violência doméstica, saúde sexual e a reprodução. Através do convite do gerente da Rádio Nacional, Eduardo Fajardo, Mara Régia di Perna criou o programa voltado para as mulheres justamente pela necessidade de falar para esse público questões da condição feminina que até então não eram debatidas em meios de comunicação (SILVA, 2015, p.8).

O programa pensado para compor a grade de programação obteve tanta aceitação que chegou a ser transmitido de segunda a sábado, das dez ao meio dia. O público já o reconhecia através da sua vinheta rotineira “Maria, Maria” composição de Fernando Brant e Milton Nascimento. O nome foi inspirado em uma peça de teatro que estava

em cartaz na época em Brasília. Esse foi o primeiro programa apresentado por Mara, que até então trabalhava na rádio participando da produção ou dos bastidores (SILVA, 2015, p. 8).

Figura: 3. Mara Régia na produção de “Viva Maria”



Fonte: EBC

Logo, o programa se configurou também como espaço de luta e resistência e através das denúncias que o mesmo trazia, foi alvo de mobilização e contribuiu para alguns marcos sociais, como a criação da primeira Delegacia da Mulher do Conselho dos Direitos da Mulher e também do Fórum de Mulheres do Distrito Federal. Contudo, mesmo com toda a repercussão, Viva Maria foi retirado do ar em 1990 durante a reforma administrativa do presidente Fernando Collor. Segundo Prado (2012),

A justificativa era a de que aquela linha de mobilização não interessava à modernidade pela qual passava o país e de que 80% das reivindicações das mulheres haviam sido atendidas na Constituição. Em protesto contra decisão de Collor, as mulheres latinas elegeram o dia 14 de setembro, data de estreia do programa, como o Dia da Imagem da Mulher nos Meios de Comunicação (PRADO, 2012 apud SILVA, 2015, p.10).

Viva Maria só foi retornar na Rádio Nacional em 1994. Antes disso, Mara deu continuidade ao programa através da rádio Capital por dois anos. O programa também inaugurou a Rádio Coragem em Brasília. Cemina (1998) acredita que isso foi fruto da resistência de Mara pois:

Embora em alguns momentos sua apresentadora (a jornalista Mara Régia) estivesse acuada e medrosa diante das ameaças de morte! [...] Estimuladas pela força do programa, elas (as mulheres) ganhavam as ruas, batendo panelas contra a violência que se abatia contra as mulheres da capital. Listas e mais listas de assinaturas eram o endosso para os abaixoassinados à Secretaria de Segurança pedindo uma delegacia só para as mulheres (CEMINA, 1998, p.16 apud VELOSO, 2008).

No entanto, a experiência do programa inspirou uma nova revolução no rádio, dando abertura ao movimento feminista através dos discursos das mulheres que adentraram a mídia e tiveram grande impacto social. Viva Maria ainda existe e resiste pelas rádios Nacional da Amazônia, do Rio de Janeiro, de Brasília, do Alto dos Solimões e disponível no site Radioagência Nacional ²³. Mesmo depois de 37 anos após sua estréia, muitas Marias ganharam e continuam ganhando força e voz para falar através dos microfones e para além dele.

2.2 Do Rádio à Guerra: A presença da mulher

O rádio começou no Brasil em 1919, com a Rádio Clube Pernambuco, mas a primeira emissora do país a transmitir de forma regular é a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923.²⁴ Contudo, na história do rádio têm-se várias nuances entre momentos de maior e menor destaques, como o período de maior amplitude radiofônica que se iniciou em 1940 denominada como a “Era de Ouro”. Nesse período, pode-se dizer que sua popularização era dada principalmente pela novidade do meio em difundir conteúdos de entretenimento, principalmente na área musical, onde havia disputas de audiências das rádios que apostavam em programas musicais de calouros, momento em que surgem grandes nomes da Música Popular Brasileira.²⁵

Contudo, a Era de Ouro do Rádio não significou a inserção efetiva das mulheres como protagonistas dentro desse espaço. Deste período até 1970, a presença feminina era muito limitada dentro do meio, fazendo com que as mesmas se voltassem para funções consideradas de domínio feminino, como cuidados domésticos e da aparência ou a posição social ser voltado para condição de mãe ou esposa (CHAVES E DIETMANN, 2018, p.3). No entanto, sua presença também era marcada em radionovelas e como cantoras do rádio, função que consagrou nomes como os de Carmen Miranda, Maysa, Emilinha Barbosa, Inezita Barroso, Araci de Almeida, Dalva de Oliveira e muitas outras como símbolo da música nacional. Essa

²³ <http://www.ebc.com.br/especiais/vivamaria/historia/30-anos-de-viva-maria> acesso em: 22/06/2019

²⁴ <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/04/radio-clube-a-pioneira-do-brasil-comemora-100-anos.html/> acesso em: 21/06/2019

²⁵ <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/587> acesso em:21/06/2019

visibilidade não abriu espaço para funções que eram predominantemente ocupadas por homens, como em áreas esportivas ou jornalísticas

Figura 4: Cantoras do rádio. Ângela Maria, Emilinha Borba, Dircinha Batista, Marlene e Dalva de Oliveira.



Fonte: Pinterest

Exemplificando o papel das mulheres na época de Ouro da rádio, o trecho da música “Cantoras do rádio” interpretada por Carmen Miranda revelava o papel atribuído a elas:

Nós somos as cantoras do rádio, levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar
Nós somos as cantoras do rádio,
Canto pelos espaços afora
Vou semeando cantigas, dando alegria a quem chora
Canto, pois sei que a minha canção
vai dissipar a tristeza que mora no teu coração (MIRANDA, 1936).

No entanto, mesmo com todas desconstruções que o movimento feminista atual vem trazendo, desde a reivindicação de voto, autonomia do corpo, leis de proteção a violência, e outras que empoderam e conscientizam as mulheres, muitos discursos ainda são centrados num padrão tradicionalista de comportamento, o mesmo padrão que remete a época das cantoras de rádio. Ao observar como isso era reflexo daquele tempo, em 2011 o Diário Catarinense publicou uma matéria onde o jornal faz divulgação do livro do sociólogo Ronaldo

Conde Aguiar “As divas do Rádio Nacional”²⁶. A matéria contextualiza a história do livro de Ronaldo, trazendo exemplos de 10 cantoras perfiladas pelo autor. Ao discorrer sobre algumas cantoras, alguns relatos as refletia da seguinte forma:

“ Emilinha Borba foi o símbolo do conservadorismo dentro da Rádio Nacional. Cumpria seus compromissos, não tinha histórico de namoricos ou bebedeiras, vestia-se de forma discreta, nunca usava decotes ou mostrava as pernas e pintava-se de maneira sóbria. Além disso, fazia o papel de boa mãe e esposa exemplar, o que gerava uma grande identificação das mulheres que a escutavam.”

Já “Isaurinha Garcia, conhecida por sua postura adiantada para o seu tempo, falava palavrões, bebia, fumava e amava apenas pelo prazer de se sentir desejada.” Outra visão era de que “ao contrário de muitas das divas da Rádio Nacional, Zezé Gonzaga era extremamente disciplinada. Nunca se atrasava e cumpria à risca os compromissos. Característica que a levou a substituir várias das cantoras que se atrasavam”.²⁷

Os trechos revelam não só como as mulheres eram vistas, mas também julgadas por um padrão de comportamento, padrão que requeria delas disciplina, recato e atitudes discretas. Enquanto Emilinha era tida como símbolo de identificação para outras mulheres, por se encaixar dentro do modelo de mãe e esposa, Isaurinha Garcia era vista como alguém a frente do seu tempo por não corresponder ao padrão de comportamento imposto para as mulheres. Conforme Chaves e Dietmann (2018, apud VELOSO, 200, p.1), a fama das cantoras de rádio era menor e contrária a posição dos homens, pois os mesmos ocupavam espaços considerados de maior relevância para o funcionamento do rádio sendo cargos de chefia, operadores de som e locutores.

Trazendo para o atual cenário, o meio radialístico, de maneira geral, ainda se apresenta como um lugar de resistência da presença feminina, muito visível na área esportiva, o que faz com que as novas produções de podcast dediquem espaço a discutir e produzir conteúdo sobre/para mulheres. Exemplo disso é o “Dibradoras”²⁸, podcast comandado por Renata Mendonça, Angélica Souza e Roberta Nina, em que as produtoras discutem sobre os mais atuais assuntos do futebol, desmistificando o mito de que “futebol não é coisa de mulher”.

É notável que tanto o discurso que foi reproduzido no livro sobre as cantoras de rádio como também aquele que as “Dibradoras” tentam desconstruir é mais um exemplo de que como no social há uma predisposição de definir a identidade da mulher. Mas afinal, o que é

²⁶ <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/02/livro-faz-homenagem-as-cantoras-da-era-de-ouro-do-radio-brasileiro-3198485.html> acesso em: 22/06/2019

²⁷ Todos os trechos são retirados do Site do Diário Catarinense, da matéria de 05/02/2011

²⁸ <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/> acesso em: 27/08/2019

ser mulher? Como defini-la? Judith Butler (2003), autora que aborda a noção de gênero na qual está ancorada a teoria feminista, afirma que nas estruturas jurídicas contemporâneas as categorias de identidade ainda são muito engessadas nos termos da matriz heterossexual.

A fim de desvencilhar da definição de identidade de forma genérica, Butler (2003) explica que o conceito de gênero é fundamentado num determinismo biológico, onde o sexo implica na biologia como um destino: o sujeito nasceria homem ou mulher e suas diferentes experiências e posições na sociedade naturalmente iriam determinar o sexo que o sujeito nasceu. Essa determinação biológica serve de raiz para entendermos a naturalização da desigualdade entre homem e mulher. Ao desconstruir o binarismo, Butler acredita que tanto o sexo quanto o gênero são frutos do discurso produzido num conjunto de práticas, moralidades e significados. Logo, a noção do “sujeito” está em um processo constante, constituído no discurso pelos atos que executa, se constrói e destrói o tempo todo (BUTLER, 2003, p.23), fazendo com que a identidade de gênero seja considerada uma constante construção e ressignificação.

Sendo assim, a autora entende que tanto o conceito de gênero quanto sexo são construções sociais discursivas. Ao pensar dessa forma, é evidente que qualquer esforço para tentar se definir o que seria a mulher estaria caindo em padrões sociais pré-estabelecidos. Pois afinal, “gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, por meio de uma sequência de atos” (BUTLER, 2010, p.25). Já Simone Beauvoir (1970) afirma que “não se nasce mulher, torna-se”. Beauvoir entende o sexo não apenas como um fator biológico, mas enquanto “sexo vivido”- e vivido de forma cultural, onde as diferentes experiências sociais do indivíduo servem como molde da construção da sua identidade.

Nesse sentido, entende-se que não existe um destino biológico, psíquico ou econômico que definem fielmente as formas assumidas da mulher. Todavia, a civilização em que está inserida desfruta de uma cultura em que insiste em ditar seu papel no meio da sociedade. É por meio deste que estão enraizados padrões sociais de divisão entre homem e mulher, fazendo com que se considere o primeiro como símbolo de virilidade e o segundo de fragilidade. Mas afinal, de que forma se desconstruiria tal lugar? A autora, em sua obra, *O segundo sexo*, traz grandes conceitos para se entender o que é ser “mulher” ou “fêmea”, designação que também é dada ao termo e que em si carrega muitos papéis, definições e incumbências pré-definidas. Todas essas definições sociais parecem apontar para o Outro ou particularmente para o homem, assim como afirma o trecho

Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a

presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos. A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao outro sexo "a igualdade dentro da diferença" (BEAUVOIR, 1970, p.17).

Dada essa diferença, a autora faz questão de pontuar o que ela chama de “Destino”, tema que ela questiona a partir da construção biológica e da psicanálise, na qual Foucault, mais tarde, denominaria como produção discursiva, a base para se entender o porquê da mulher ser colocada numa relação inferior ao homem. Dessa forma, ao se atentar para essa distinção, Beauvoir argumenta que esse lugar foi construído pela ciência/biologia, em que grande parte carregam o conceito do que seria “ser mulher”

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquietada hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (BEAUVOIR, 1970, p. 25).

Logo, parece que a definição parte de um lugar científico e se enraíza num lugar social em que, ainda assim, seria esse inferior ao outro. Porém, Beauvoir elucida que os argumentos de inferiorização da mulher na restrição à opção sexual dado pelo cientificismo não é capaz de se sustentar

Há, na vida, dois movimentos que se conjugam; ela só se mantém em se superando e só se supera com a condição de se manter. Esses dois movimentos realizam-se sempre juntos, pensá-los separados é pensar abstratamente. Entretanto, é ora um, ora outro que domina. Em sua união, os dois gametas superam-se e perpetuam-se ao mesmo tempo, mas o óvulo, em sua estrutura, antecipa as necessidades futuras. É constituído de maneira a nutrir a vida que despertará nele. Ao contrário, o espermatozoide não está absolutamente equipado para assegurar o desenvolvimento do germe que suscita. Em compensação, o óvulo é incapaz de provocar a mudança que suscitará uma nova explosão de vida; ao passo que o espermatozoide se desloca. Sem a providência ovária, sua ação seria vã; mas, sem sua iniciativa, o óvulo não cumpriria suas possibilidades ativas. Logo, concluímos que, fundamentalmente, o papel dos dois gametas é idêntico: criam juntos um ser vivo em que ambos se perdem e se superam (BEAUVOIR, 2009, p. 45).

Em razão disso, a autora elucida que a biologia quando utilizada para tentar justificar a inferiorização da mulher, é uma teoria falha, já que os organismos existem em uma relação de

complementaridade. Somos levados a questionar se não há motivos para essa inferiorização da mulher em relação ao homem: por que ela ocorre?

Possivelmente está na história, não respostas para tal atitude, mas marcos que delineam tal desigualdade social. Beauvoir acredita que é possível entender a sociedade através do seu materialismo histórico, de forma que elucide o lugar da mulher através dos seus feitos históricos, sociais e de trabalho. Este último se torna importante, pois segundo a autora seria uma das principais formas de diminuir a distância entre o homem e a mulher. “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.” (Beauvoir, p.1949).

E se há no trabalho essa possibilidade para superar tal desigualdade, usamos de exemplo a construção histórica em relação com o trabalho para tentar entender a sociedade como Beauvoir sugere. A Segunda Guerra Mundial é exemplo da relação, pois nessa época as propagandas eram voltadas para incentivar as mulheres a ocuparem os postos de trabalho que também eram dados ao homem no período de 1939 à 1945.²⁹

Figura 5- Mulheres vendem artes de soldados americanos para arrecadar dinheiro para Guerra



Fonte: Genevieve Naylor/ Corbis via Getty Imagens

Nesse período, os países envolvidos no conflito perceberem a necessidade de convocar as mulheres para contribuírem. No início, a relação era dada através do voluntariado, ao avançar o combate, elas passaram a ser recrutadas. Se antes na Primeira Guerra Mundial

²⁹ <http://primaveraeditorial.com/a-mulher-na-segunda-guerra-mundial/> acesso em: 11/09/2019

houve mulheres que substituíram os homens nas indústrias e fábricas, na Segunda Guerra elas estavam participando como militares, pilotos, enfermeiras, e muitas outras funções que eram socialmente relacionadas aos homens.³⁰

Contudo, a participação das mulheres causava controvérsias, que iniciou-se na introdução da mulher no mercado de trabalho, pois se acreditava que com o final da Guerra ainda se teria uma força de trabalho feminina ativa e que tiraria a mão de obra dos homens, que até então eram considerados os provedores do lar.

O primeiro país a aderir a mão de obra das mulheres foi a Inglaterra, pois como o voluntariado não supria a grande demanda de pessoas, o governo começou a convocar diversas mulheres para cobrir as perdas. Nos Estados Unidos não foi diferente, mas em ambos países ainda tentava-se manter um padrão de feminilidade, estabelecendo regras como por exemplo o fato de que as mulheres não podiam atirar.

Figura - 6 - Enfermeiras em acampamento no Exército Britânico. Outubro de 1944



Fonte: Hulton- Deutsch Collection/ Corbis via Getty Images

Países como Alemanha e Itália resistiram a ideia de ter a mulher nos frentes de guerra. Diferentemente do Canadá, que foi o país que conseguiu mobilizar cerca de 50.000 mulheres em suas forças armadas, quase 25% de mão de obra envolvida nos esforços de guerra.

³⁰ <http://historiahoje.com/a-participacao-feminina-na-segunda-guerra-mundial/> acesso em: 11/09/2019

Imagem 7 - Mulheres que ajudaram os aliados no fronte de Castellucio. Novembro de 1944



Fonte: Keystone/Getty Imagens

A União Soviética, por sua vez deu a mulher a mais forte participação que qualquer outro país. As mulheres da URSS acreditavam ser um dever participar do confronto na defesa da sua pátria e família.

Contudo, mesmo com essa desestabilização dos papéis sociais, ao final da guerra tudo voltou a ser como era antes, os homens voltaram ao seu habitual trabalho e as mulheres foram “convocadas” a retornarem aos seus lares.

“(...) Para as mulheres, a guerra constitui uma experiência de liberdade e de responsabilidade sem precedentes. Em primeiro lugar, pela valorização do trabalho feminino ao serviço da pátria e pela abertura de novas oportunidades profissionais. A guerra destrói, por necessidade, as barreiras que opunham trabalhos masculinos e trabalhos femininos e que vedavam às mulheres numerosas profissões superiores. Contudo, segundo a mesma autora, nos momentos posteriores a tais conflitos, tinha chegado o momento de ceder os lugares conquistados. Rotuladas de oportunistas e muitas vezes de incapazes, são convidadas a regressar ao lar e às tarefas femininas, em nome do direito dos antigos combatentes, e da reconstrução nacional. Umas resistem, outras aceitam. A desmobilização feminina é, por toda a parte, rápida e brutal, particularmente para as operárias de guerra, as primeiras a serem despedidas.” (ALMEIDA E JESUS, 2016, p.5)

O que ficou delineado foi o retorno do papel que eram atribuído às mulheres. As políticas públicas do pós-guerra nos Estados Unidos contribuíram a sustentar um ideal de família que enfatizava a mulher na posição de mãe, esposa e dona de casa, como sugere as imagens abaixo.

Imagem 8 e 9. “Mulheres não saiam da cozinha” e “Estou orgulhosa... Meu marido quer que eu faça a minha parte.



Fontes: Propaganda da Hardee's, 1950 (à esquerda)

Howitt, John Newton. U.S. Government Printing Office, 1944.

Estas imagens publicitárias, surgiram após o período da guerra, sendo notório que houve um apagamento da figura da mulher como participante nos esforços de guerra, ou qualquer outra identidade que se tinha nessa época, para assim voltar ao ideal da identidade da mulher no lar.

Contudo, o que restou da figura emblemática da guerra foi a imagem do homem em campo de batalha, o discurso masculino de heroísmo, aniquilação do inimigo, ação e estratégias. Dentro dessa representação a mulher é subalterna, como sendo a enfermeira que se apaixona pelo homem que vai em campo de batalha. Com isso, fica muito bem colocado o título da obra de Svetlana Aleksievitch, “A guerra não tem rosto de mulher”.

Em seu livro a escritora e jornalista Bielorrussa Svetlana, reúne em seus 16 capítulos, depoimentos de mais de 500 mulheres que participaram diretamente e indiretamente do confronto, narrando de forma intimista a sua participação na guerra. O que aparenta sobressair nos relatos das senhoras de 70 e 80 anos que a autora entrevista, é que em todo tempo elas tinham quase que por obrigação, legitimar sua capacidade, pelo fato de serem mulheres, como mostra em um dos trechos do testemunho da franco-atiradora Mariana Ivanovna Morozova:

“(...) “Bem, então chegamos ao front. Nos arredores de Orcha... Na 62ª Divisão de Caçadores... O comandante, me lembro como se fosse agora, era o coronel Boródkin, ele nos viu e ficou irritado: me impuseram umas mocinhas. Que ciranda feminina é essa? É um corpo de baile! Isso aqui é guerra, não é um bailezinho. Uma

guerra terrível... Mas depois nos convidou para sua casa, serviu o almoço. E o escutamos perguntar para seu ajudante: ‘Será que não temos algo doce para o chá?’ Claro que nos ofendemos: quem ele acha que éramos? Tínhamos vindo para combater. E ele não nos via como soldados, e sim como mocinhas.” (p.50)

As descrições naturalistas, trouxeram o que tinha de mais visceral na guerra, a narração do acontecido e foi alvo de muitas críticas. Além do mais, os relatos desmistificam o estereótipo da mulher e mostram que no heroísmo asséptico não existem nem biologia nem fisiologia como a própria autora diz, mas existiam mulheres, relatos de morte, histórias como as da soldada que fica de roupa íntima em uma explosão para salvar um companheiro, outras que saíam com todos que podiam pois tinha a certeza que iam morrer, estupros de mulheres inimigas.

Ao retomar a discussão inicial, as mulheres do rádio e a guerra parecem desfrutar da similaridade de questões sociais historicamente ocorridas: o apagamento da mulher, luta pela identidade e espaço. A modernidade não foi capaz de superar, ainda são recorrentes e refletem no meio de comunicação como o rádio. Afinal se a guerra não tem rosto de mulher, teria ela voz? No tópico a seguir, iremos entrar nessa discussão mais a fundo, evidenciando a fala da mulher a partir de teorias que discutem o papel das fontes no jornalismo.

2.3 Fontes no jornalismo

Como toda produção existem etapas, o fazer jornalístico também se vale do processo de construção, onde o jornalista busca constituir caminhos para disseminar a informação. Como parte importante e constitutiva desse trabalho, a relação com as fontes se torna primordial, visto que é um dos caminhos que o jornalista faz para obter informações.

A figura do jornalista, ou repórter, em contato com as fontes passou existir por volta de 1870, antes disso Schmitz (2010) afirma que os jornalistas tinham o hábito de considerar os fatos, sem antes ter uma voz que falava sobre ele, sem nenhuma opinião sobre o assunto abordado. Com o passar do tempo, a relação foi se transformando para que hoje chegássemos no modelo atual onde a constituição narrativa das notícias depende da fonte. O jornalista, por sua vez, no papel de selecionador - aquele que decide se o fato é notícia ou não e aquilo que vale a pena ser difundido ao público - vê as fontes como colaboradores da produção jornalística (SCHMITZ, 2010, p.8).

No entanto, a voz das fontes remete muito mais do que um elemento de constituição da informação, elas também representam uma forma de legitimar aquilo que está sendo dito. Sobre isso, López Escobar (1988) reconhece a importância, visto que:

as fontes têm o poder de manar, de continuar manando e de deixar de manar,. As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua actividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas. E, se há notícias, isso deve-se, em grande medida, ao facto de haver quem esteja interessado que certos factos sejam tornados públicos (ESCOBAR, 1988, p. 521 apud.PINTO, 2000, p. 278)

Essa relação entre fonte e jornalista também perpassa as discussões sobre ética, onde alguns autores consideram como uma relação de troca entre ambos, de forma que a fonte acredita que sua versão dos fatos será retratada com fidelidade e o jornalista espera da fonte que suas falas sejam efetivamente verdadeiras (CHAPARRO, 2001, p.43 apud KARAM, SCHMITZ, 2010).

No entanto, o conceito de fonte se diferencia: Schmitz (2011) se atenta a distinguir “fonte da informação” e “fonte de notícia”, reconhecendo que qualquer informação está disponível a todos, já nas fonte de notícia há necessidade de algum mediador, um meio de transmissão, que faça circular o conhecimento ou saber. Dessa forma, o autor se encarrega de definir sua concepção através da ideia de que:

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Tendo visto maneiras de como identificar as fontes, a segunda questão que permeia a discussão é quais são a importância das fontes enquanto elemento de busca jornalística? Isso pode ser explicado tendo como base o jornalismo que é produtor de diferentes modos de conhecimentos, logo ele utiliza da singularidade dos indivíduos para se fazer notícia e da objetividade um elemento norteador da sua produção. Sendo assim, a objetividade coloca a fonte como elemento central da apuração, pois os jornalistas fazem suas confirmações através de consulta às fonte que o informa ou contextualiza. Pode-se afirmar que o jornalismo se vale

do conhecimento das fontes para aprofundar a apuração e humanizar a notícia (SCHMITZ, 2011, p.15).¹

Por mais que se tenham todos os objetivos voltados para a fonte, a figura dela não é centralizada, no sentido do indivíduo e o discurso se voltar somente para aquilo que ele tem a dizer. Pois a maioria das informações jornalísticas são plurais, emana de vários tipos de fontes que o jornalista utiliza para informar (SCHMITZ, 2011, pg.7). Não significa que necessariamente precisa ter muita gente falando sobre determinado assunto, mas sim de escutar sujeitos com diferentes perspectivas sobre o tema. É nesse sentido que Van Cuilenberg (1999) afirma que a promoção de diferentes vozes contribui para a ordem social, promove liberdade de expressão e abre caminhos para que os indivíduos possam expressar insatisfações sociais.

Todavia é preciso partir da compreensão que na construção jornalística, a diversidade não é igual pluralidade. Para Kischinhevsky e Chagas muitas pessoas podem ser selecionadas como fonte dentro de uma notícia e mesmo assim não se ter pluralidade se elas compartilham a mesma visão. O conceito de pluralidade constrói a notícia a partir da escuta de fontes que possam confrontar diferentes opiniões, para assim abranger diversos públicos e promover diversidade no jornalismo (KISCHINHEVSKY E CHAGAS, 2017, p. 121). Logo, é perceptível que os dois conceitos não são tratados como sinônimos mas como coisas que se coexistem no jornalismo.

É necessário, em suma, garantir tanta a pluralidade de fontes, com uma representatividade de atores sociais, quanto a diversidade, com incorporação de outras vozes além daquelas identificadas com o poder público com grupos políticos e econômicos mais organizados para assegurar acesso contínuo aos meios de comunicação (KISCHINHEVSKY, CHAGAS, 2017, p.121).

E é no meio jornalístico, onde saber ouvir e trabalhar as fontes em suas diferentes categorias se torna primordial para se fazer notícia de forma que represente o público. Pois, se todos falam sob a mesma ótica, há apenas um enunciador presente na notícia (BENETTI, 2007).

Pensando em pluralidade e diversidade de fontes, abordaremos uma breve classificação por alguns autores referenciais das teorias do jornalismo. O primeiro é Gans (1980), que organiza fontes por tipos. O autor propõe a divisão entre fontes institucionais, oficiais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas, afirmando que os agentes utilizados na notícia representam seu posicionamento na estrutura social.

Lage (2001), por sua vez organiza as fontes em: primária, secundária, pessoais, institucionais, documentais, oficiais, oficiosas e independentes. “Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas” (LAGE, 2001, p.65).

Especificamente para o radiojornalismo, Ferraretto (2014) propõe a classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas correspondem equipes de reportagem, enviados especiais, editores, apuração, correspondentes. Já as externas correspondem a assessoria de imprensa, informantes, agências de notícias, internet.

As que serão analisadas neste estudo a partir do recorte das categorias, são as fontes Especialista, que para Sponholz (2008) correspondem às pessoas que detém um saber específico ou organização possui determinado conhecimento reconhecido; Fonte Testemunha, que representa aquilo que viu e ouviu como observadora ou participante do fato (Lage, 2001, 67); Fonte Notável que seriam indivíduos que transmitem credibilidade ao público.(SCHMTIZ, 2011), Personagem que seria uma pessoa com discurso voltado a relatos individuais/pessoais e fonte Interna, que corresponde à equipe da produção do conteúdo jornalístico.

Mas se pra ser ouvido necessita-sede um lugar legitimado de fala, será que todos desfrutam de tal lugar? Como se dá esse lugar de fala? Entende-se pelo conceito social de lugar de fala a forma com a qual cada pessoa compreende o mundo e suas interpretações sobre o mesmo. Dentro desse lugar de fala são perpassados elementos estruturais como por exemplo a classe, a raça e o gênero. (RIBEIRO, 2017).

Para filósofa e ativista Djamilia Ribeiro (2017, p. 61) o conceito do lugar de fala é complexo, pois “ não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania”.Tal lugar não é dado de forma unicamente individual, ainda que a visão do indivíduo seja seu ponto de partida para se falar de determinado assunto

Como explica Collins, a experiência de fulana importa, sem dúvida, mas o foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha ainda como grupo. Reduzir a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala somente às vivências seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala, à humanidade. O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E, sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas

peçoas. Mas o fato dessa peçoas dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidades e direitos. A discussão é sobretudo estrutural e não “pós-moderna” como os acusadores dessa teoria gostam de afirmar (RIBEIRO, 2017, p. 67-68).

Logo, a autora entende que reduzir o lugar de fala às experiências individuais seria um erro, pois há opressões estruturais que impedem que certos grupos tenham direito à fala. Em seu primeiro capítulo do livro *“O que é lugar de fala”*, a autora traz à luz percursos intelectuais e históricos que demarcam a luta de mulheres negras durante a história. Dá a entender que as produções e histórias de resistência das mulheres já existiam desde antes o período escravocrata, o problema era e ainda é sua falta de visibilidade.

Nesse diálogo, que também se refere a protagonismo, capacidade de escuta e lugar de fala, façamo-nos as perguntas: Que histórias não são contadas? Quem, no Brasil e no mundo, são as pioneiras na autoria de projetos e na condução de experiências em nome da igualdade e da liberdade? De quem é a voz que foi reprimida para que a história única do feminismo virasse verdade? (RIBEIRO, 2017, p.22)

Compondo ainda a discussão, Djamila dialoga com Bell Hooks para afirmar que é preciso desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina, cis e heteronormativa e debater com as identidades que foram construídas nas demais conjunturas sociais. E ao representar essas identidades no jornalismo, é preciso que se entenda que, há uma necessidade de ser ter multiplicidade de vozes falando, de modo que esse lugar não seja apenas dado as peçoas socialmente prestigiadas e favorecida, mas que também as desfavorecidas possam ter espaço para falar das sua realidade.

Djamila ao dialogar com Grada Kilomba afirma que “é necessário escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar”. Assim, as autoras acreditam que há uma dificuldade grande da maioria branca de ouvir o outro por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, além do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única. Assim, falar do racismo como opressão de gênero é visto geralmente como algo chato, “mimimi”, entre outras formas de deslegitimação (RIBEIRO, 2017, p. 79).

Para a autora, pensar em lugar de fala seria romper com um silêncio instituído para quem foi subalternizado. É romper com uma hierarquia.

Há peçoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimizados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade. Não à toa iniciamos esse livro com uma citação de Lélia Gonzalez: “o lixo vai falar, e numa boa” (RIBEIRO, 2017, p. 90).

Ao pesquisarmos sobre a mulher como fonte, percebe-se que há poucas bibliografias ou produções que se atente a observar esse fenômeno, o mais próximo foi o estudo de Larissa Beffa (2017) onde ela busca mapear a presença feminina no Jornalismo Brasileiro, a partir da análise de cinco jornais regionais do país, onde constatou-se a seguinte ocorrência através da pesquisa:

Há muita resistência da sociedade em todos os passos da trajetória da mulher no mercado de trabalho, e ainda hoje há discriminação, mesmo em campos que são supostamente dominados pelo sexo feminino- isso porque, mesmo em campos com muitas mulheres, como o Jornalismo, a maior parte das pessoas em posições e cargos de chefias são homens, como indica a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro. Apesar de haver mais mulheres jornalistas, as fontes das reportagens ainda são predominantemente masculinas”. (BEFFA. 2017, p.189)

Percebemos, então, que é essencial falar sobre lugar de fala na questão histórica, principalmente para comparar se essa resistência ainda se perpetua ou se diferencia em outros meios de comunicação, como rádio e podcast. Pois, historicamente as mulheres foram afastadas dos lugares de poder. Na medida em que têm espaço de fala, as mulheres se fazem participantes de um ato de poder. Logo, se as mulheres falam e isso não chega a um lugar público - de modo que não sejam utilizadas como fonte - o problema se torna muito mais estrutural, pois quando essa voz chegar a um meio ela pode ser mediada, diminuída ou deslegitimada pelo fato de nunca ter sido ouvida.

E, assim, a discussão se estende ao próximo capítulo, onde se propõe a definir operadores para a análise do Podcast Filhas da Guerra do Projeto Humanos para entendermos como a voz de Lili Jaffe ecoa enquanto protagonista e fonte.

3. Metodologia

Com a finalidade de atingir o objetivo dessa pesquisa, que consiste em investigar como o podcast "Filhas da Guerra" utiliza as fontes mulheres em sua narrativa, recorreremos à análise de conteúdo como ferramenta metodológica. Este método é usado para descrever e interpretar diversos conteúdos, a fim de reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão dos significados para além do senso comum. Segundo Lasswell (1927:1936) ela nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e descreve com precisão o que era/é dito sobre um determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço. No próximo tópico, descreveremos com mais detalhes sobre essa ferramenta metodológica.

3.1 Análise de Conteúdo

Através da análise de conteúdo é possível observar diversos elementos presentes em uma mesma informação, viés importante considerando o contexto de expansão da informação presente no radiojornalismo contemporâneo que propomos observar através do podcast estudado. De forma sucinta, Herscovitz define AC como um:

método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-se em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicações (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

A autora defende que essa metodologia possui melhores resultados quando empregada à análise quantitativa (contagem de frequência do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos e contextos onde aparece).

Os primeiros estudos da análise de conteúdo na Comunicação Social surgiram no início do século XX, na Universidade da Columbia e tiveram maior relevância até a década 1940, onde a partir daí se tornaram mais hegemônicos. Cappelle, Melo e Gonçalves (2003) afirmam que a análise surgiu como uma proposta teórica de mensurar os elementos quantitativos. Além do mais, os autores acreditam que houve mais ênfase nessa metodologia quando ela foi utilizada para estudar as propagandas nazistas nas comunidades científicas norte- americana. Tal método foi feito através da medida, da contagem e rigor matemático.

A partir de então, a análise ficou conhecida pelo estigma de apontar aspectos do comportamento a partir das bases estatísticas, o que impediu que ele crescesse por um tempo por ter sido relacionado com o positivismo, impedindo seu crescimento por algumas décadas, nas perspectivas qualitativas.

O método de análise de conteúdos que propomos utilizar neste estudo, se mostra importante de ser utilizado, já que o mesmo em muito contribuiu e contribui para a consolidação dos estudos em jornalismo pela vertente de observação e da crítica de mídia. Logo, a análise se mostra pertinente justamente por pavimentar esse caminho na crítica de mídia e enxergar nela a possibilidade de extração de dados concretos inerente a essas pesquisas.

Esse método de pesquisa é aplicado quando se procura descrever ou classificar produtos e gêneros jornalísticos. Contudo, como mencionado acima por Herscovitz, esse princípio misto de pesquisa, se configura assim como uma proposta metodológica híbrida

Segundo Bauer (2004), há muitas maneiras de delinear pesquisas a partir da análise de conteúdos, divergindo do estudo puramente descritivo, com base em cálculos de frequência das características prestabelecidas do objeto. Entre elas destacam-se as análises normativas (que realizam comparações com base em determinados padrões); as trans-seccionais (que funcionam como uma comparação empírica de diferentes contextos) e as longitudinais (que fazem comparações dentro de um mesmo contexto, embora em espaços de tempo mais amplos) (BAUER, 2004, p. 195).

Os que propomos estudar se baseia em duas divisões: o viés quantitativo e qualitativo. Percebe-se que essas duas vertentes trabalham de forma complementar, mostrando que “não há quantificação sem qualificação” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2004, p. 24) nem “análise estatística sem interpretação”, o que justifica a equiparação desses dois referenciais epistemológicos.

Bauer (2004) ao se propor analisar a avaliação quantitativa do “corpus” de pesquisa, afirma que essa categorização tende a materializar “a representação e a expressão da fala de uma comunidade em determinada formação discursiva”, mostrando que o método se realiza através de uma dependência, o que a análise de conteúdo aponta, será explicado/compreendido através do método qualitativo.

Ao fazer a junção dessas duas ferramentas metodológica, percebe-se que de certa forma se tem uma estrutura mais sólida de resultados, que possivelmente não teria se fosse exclusivamente produzido com a análise qualitativa. E nessa construção da análise Bardin (2010) enfatiza que “o analista é uma espécie de arqueólogo. Trabalha com vestígios: os

‘documentos’ que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos” (BARDIN, 2010, p. 41). Dessa forma é compreensível se pensar que nessa relação de complementaridade da análise de conteúdo faz com as demais perspectivas metodológicas ela não se limita a propor verdades absolutas, mas trabalhem com a singularidade de cada ator social através da observação dos elementos:

Partindo do princípio de que o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Sendo assim, o analista se propõe a ter diferentes perspectivas que se fundem ao destrinchar o produto: a observação de cunho estatístico através da análise de conteúdo, e a subjetividade, fruto do resultados da análise qualitativa que é capaz de apontar tendências nos resultados abordados.

Para trabalhar o método da análise de conteúdo no nosso objeto de estudo, se baseamos no trabalho de Bardin (2010), que divide a análise em várias etapas para a condução do resultado. São elas: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos resultados. (BARDIN, 2010, p. 280)

A fase de organização da análise se subdivide em pré- análise, exploração do material, tratamento dos resultados bruto e interpretação desses resultados (BARDIN 2010, p. 280). Nessa primeira parte, selecionamos o material para utilizar que no caso é a primeira temporada do podcast do Projeto Humanos, não deixando de explorar também o site como uma extensão utilitária para o trabalho.

Bardin (2010, p. 127) ao falar sobre a organização da análise, coloca que tendo “à disposição resultados fiéis e significativos, pode o analista propor inferências e adiantar interpretações a propósitos dos objetivos previstos -, ou que digam respeito” ao surgimento de resultados inesperados.

Logo após obter familiaridade com o material, foi feito a “escolha de documentos”, termo utilizado por Bardin (2010) , para denominar o produto que compõe o *corpus* da análise de conteúdo. Depois, foi formulado os objetivos, gerais e específicos.

Ainda nesse primeiro momento de organização da análise, adentramos na exploração do material, onde definimos que a unidade de registro que iríamos trabalhar são os tipos de

fontes utilizados no podcast, com o objetivo de fazer a categorização e a contagem frequencial, a partir dos operadores. Baseamos em um recorte dos tipos de fontes das categorias que serão abordadas, que são elas: fontes Especialista; Fonte Testemunha; Fonte Notável, Personagem e fonte Interna.

Após esse primeiro momento, com os operadores já definidos, partimos para a fase da *codificação*, onde os dados brutos estudados pelo “corpus” representados pelo quadro, se materializa em texto.

Para obter êxito nessa etapa de codificação, atentamos a trabalhar por uma perspectiva de recorte, que se atenta a apontar a fala de cada personagem dentro do episódio, e o tempo de cada um desses falam, para assim temos uma base sólida para se pensar na relevância dos personagens dentro da análise. Tendo como base perguntas como: Quem está falando? Sobre o que está dizendo? O que isso reflete?

Por meio desse recorte, partimos para a *categorização*, onde definimos as unidades de registro e a descrição, para elucidar a proposta de se pensar nos diferentes tipos de fontes dentro do podcast. Mais abaixo a ideia é categorizar com base na enumeração, quatro tipos de ocorrências quantitativas dentro do produto, separadas pela: presença de fontes, gênero, tempo das fontes, tempo dos gêneros.

Não deixando de atentar que essas regras de enumeração que Bardin propõe, que é um modo de contagem das unidades de registro. Ambos se diferem segundo a autora. A unidade de registro é o que se conta e a regra de enumeração seria o modo de contagem. (BARDIN, 2010, p. 134)

Essas regras de enumeração são repletas de detalhes e formas de se categorizar para divisão, a autora propõe que se analise pelas seguintes formas:

- A presença ou ausência de elementos de significação;
- A frequência: com base no postulado que a importância do registro aumenta com a frequência da aparição; -
A frequência ponderada: Pode ser utilizada na identificação de um elemento é mais importante que outro. A ponderação pode corresponder a uma decisão tomada anteriormente, pode também, traduzir a intensidade de um elemento;
- A intensidade: A medida de intensidade com que cada elemento aparece é indispensável na análise dos valores (ideológicos, tendências) e das atitudes. Bardin (2010, p. 137) orienta que para avaliar o grau de intensidade a codificar pode se basear em critérios precisos: intensidade (semântica) do verbo, tempo do verbo (condicional, futuro, imperativo, etc.), advérbios de modo, adjetivos e atributos qualitativos [...].
- A direção: A ponderação da frequência traduz um caráter quantitativo (ponderação) ou qualitativo: a direção. A direção pode ser favorável, desfavorável ou neutra. Para tanto atribui-se aos elementos do texto um sinal (índice qualitativo) ou uma nota. Deve-se graficamente realizar uma escala de perfis para demonstrar a representação dos resultados. -

A ordem: A ordem de aparição das unidades pode indicar relevância do tema em um quadro de inferência.

- A co-ocorrência: A co-ocorrência é a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto. A medida de co-ocorrência (análise de contingência) dá conta da distribuição dos elementos e da sua associação (BARDIN, 2010, p. 134-140).

As que serão trabalhadas a partir da análise serão: a presença ou ausência de elementos, frequência ponderada, intensidade e ordem.

Na presença ou ausência de elementos serão observados os tipos de fontes que existem dentro do podcast a partir das falas. A frequência ponderada é perceber, seguindo a análise quantitativa se uma voz sobressai à outra. A intensidade será utilizada para mensurar a partir do tempo e o conteúdo da mensagem a intensidade da fala de cada fonte e por último a ordem, que tende a partir da categorização, assim indicando a relevância de cada tipo de fonte e sua relação quantitativa a partir do gênero e tempo.

De forma geral, a categorização é feita por duas partes: o inventário com os elementos isolados; e a classificação que é a repartição desses elementos que busca impor a organização das mensagens. Seu objetivo principal é a “condensação”, desses dados brutos em uma representação simplificada.

Além do mais, na análise de conteúdo, a categorização (passagem de dados brutos para dados organizados) é utilizada como uma forma de evitar desvios no material, e fazer notório o conhecer de índices invisíveis, através dos dados brutos (BARDIN, 2010, p. 147). Busca-se trazer esses dois elementos, nos quadro de análise de cada episódio e abaixo a constatação do que cada dado foi capaz de observar.

Logo após analisar os cinco episódios do podcast, a análise se conduz a última parte, que é a interpretação dos resultados da análise de conteúdo, essa que é feita pelo conceito de inferência de Bardin, que é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 2010, p. 41). Nesta parte, se aborda a reflexão de todo conteúdo da primeira parte e assim olharemos para o produto a fim de obter respostas, se possível, diante do problema proposto na metodologia

- O que é que levou a determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem; - Quais as consequências que determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis efeitos das mensagens (por exemplo: os efeitos de uma campanha publicitária, de propaganda) (BARDIN, 2010, p. 41).

Para que finalmente possamos refletir como as mulheres são utilizadas enquanto fonte no podcast filhas da Guerra, iremos partir da correlação entre, o que Bardin (2010, p. 167) chama de inferência específica (pergunta focada em um propósito) e inferências gerais (identificação da existência de uma correlação entre o problema e a solução).

Sendo assim, findando os esforços teóricos da metodologia, iremos observar mais a fundo o produto e dissecar mais sobre as operações para que nosso próximo capítulo haja a aplicação empírica da análise do conteúdo.

3.1.1 Operadores

Para realizar nossa análise, definimos como operadores alguns tipos de fontes jornalísticas e observamos se foram utilizadas para compor a narrativa do primeiro episódio. Seguindo a nossa metodologia, proposta por Bardin (2010), onde tende a respeitar diversas fases do processo da análise de conteúdo, para que assim possamos enxergar tendências e analisar de perto o conteúdo proposto no podcast. Logo, definimos os seguintes operadores:

Quadro 2 - Operadores por tipos de fontes

Unidade de Registro	Descrição
Tipos de fontes	
Especialista	Observar se quem fala é um especialista em determinado assunto e sobre o que se fala.
Personagem	Observar se a fonte atua como protagonista do acontecimento e sobre o que se fala.
Testemunha	Observar se quem fala atua como fonte testemunha no acontecimento principal e sobre o que se fala.
Documentos Sonoros	Observar se há o uso de áudios históricos e se há leitura de documentos no podcast pelo narrador.
Notável	Observar se é utilizada fonte de reconhecimento público, que passa credibilidade e sobre o que se fala.
Interna	Observar se há fonte interna no podcast e sobre o que se fala.

Fonte: Elaboração própria

Além desses operadores sobre fontes, observaremos as seguintes ocorrências quantitativas:

- 1) Presença de fontes - observar quantas vezes cada fonte fala ao longo de todo o podcast;
- 2) Gênero das fontes - observar quantas vezes fontes mulheres e homens falam ao longo do episódio;
- 3) Tempo - analisar por quanto tempo cada fonte fala ao longo do episódio;
- 4) Observar por quanto tempo cada gênero fala ao longo do episódio;

Tendo essa categoria de fontes como uma das características norteadoras da pesquisa, vamos utilizar a análise de conteúdo que será capaz de apontar tendências e perspectivas a partir da realidade observada, para assim entender de que forma a mulher é retratada e como ela é utilizada como fonte para legitimar uma narrativa sobre Segunda Guerra Mundial.

3.2 Projeto Humanos: Filhas da Guerra

O Projeto Humanos, que é inspirado nos podcast no formato *Serial*, de jornalismo investigativo, narra histórias verídicas em vários episódios. A linha de narração que é utilizada é a partir do recurso do Storytelling de narrativas imersivas. A junção dos termos *Story* (história) e *Telling* (contar) faz jus à arte de contar histórias usando técnicas, efeitos e muitos outros recursos que possam emergir o ouvinte na narração.³¹

Esse recurso de narração é utilizado também no meio de comunicação para que a informação possa ser transmitida com objetivo de prender a atenção do público de forma que estes se sintam atraídos pela história contada. Esse *jornalismo de realidade, narrativo, ou literário* é um jornalismo que traz elementos de narração em sua composição, fazendo com que os produtores vão à fundo da informação, para obter, na reportagem, “efeitos do real”, assim como Barthes afirma. (BARTHES, 1984. p.136)

O podcasting Projetos Humanos é autodeclarado jornalismo narrativo, ele promete contar “histórias reais sobre pessoas reais”. Foi idealizado pelo professor e escritor Ivan Mizanzuk, que busca explorar o Storytelling dentro do podcast, uma prática pouco utilizada no Brasil. Como informa parte da apresentação do projeto no site por Mizanzuk,;

31

<https://comunidade.rockcontent.com/storytelling/#targetText=Storytelling%20%C3%A9%20um%20termo%20em,uma%20mensagem%20de%20forma%20inesquec%C3%ADvel>. acesso em 30/10/2019

A grande maioria dos podcasts produzidos no Brasil (e provavelmente no mundo) seguem o formato de “conversa informal”. Junta-se alguns amigos, grava-se a conversa e lança no feed. O podcast *storytelling* já possui outra proposta: dedica-se em montar linhas narrativas mais imersivas, nas quais os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada”.

A técnica do Storytelling utilizada no Projeto Humanos, é construída a partir do sistema no qual o jornalista é o contador (teller) e o fato selecionado (story) é aquilo que será narrado. Dessa forma, “ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens. Tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia.” (CUNHA & MANTELLO, 2014, p. 58).

Como objeto empírico dessa análise, selecionamos a primeira temporada do podcast Filhas da Guerra, produzida pelo Projeto Humanos. Com narrativas que buscam focar no interesse humano e explorar a história de personagens, a primeira temporada do projeto estreou em agosto de 2015. Contém cinco episódios ao todo e conta a história Lili Jaffe, uma senhora judia de origem Iugoslava, que passou por perseguição e enfrentou os desafios de viver nos campos de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.

Os episódios são construídos pelas lembranças da vida de Lili tanto na Iugoslavia quanto em Auschwitz. Lili iniciou um diário após ser salva pela Cruz Vermelha, suas longas histórias, descrevia a captura pelos nazistas, perda da família, e o cotidiano dentro do campo de concentração, não deixando de expor seus sentimentos cotidianos diante das situações. É visceral. Lili relata também a morte de alguns, o conhecimento de outros, as perdas e o sentimento de lidar consigo e com o outro.

Atualmente, as suas memórias são eternizadas no diário original que está em exposição no Museu do Holocausto, em Jerusalém. A versão original da história, foi traduzida para o português por uma de suas filhas, Noemi Jaffe, que dá nome à obra “O que os cegos estão sonhando”. Seu livro é dividido em três partes, sendo elas a primeira, onde possui o diário da Lili, a segunda seria, a concepção de Noemi, em relação a história da mãe e também no seu lugar de filha, onde a todo momento ela busca compreender o passado e propor reflexões sobre o presente.

A terceira parte, é feita pela neta de Lili, e filha de Noemi, Leda Cartum. A relevância de trazer Leda para obra, segundo Noemi, sua mãe, foi que na época de publicação, Leda tinha 19 anos, a mesma idade que a avó tinha sido libertada de Auschwitz. Logo, o livro propõe trazer o olhar de três gerações da mesma família, para mostrar com mais ênfase a experiência traumática do acontecimento a partir do olhar de três mulheres.

A ideia de se trabalhar as memórias de Lili a partir do podcast surgiu para Ivan Mizanzuk (2015) após ter conhecido Noemi Jaffe, no lançamento de um dos seus livros, “A verdadeira história do alfabeto”. Após esse contato, surgiu o convite da mesma participar do Anticast, outro podcast de Ivan, que nessa época discutia sobre o alfabeto. Ao pesquisar mais a fundo sobre a vida da autora, Ivan descobriu o livro “O que os cegos estão sonhando?”.

O plano original era que a história da Lili fosse apenas um episódio, dentro de uma primeira temporada com várias histórias diferentes. Mas em julho de 2015, durante as minhas férias, eu comecei as edições. Um episódio virou dois, depois três e, quando vi, já tinha uma temporada inteira, dedicada apenas à história dessa sobrevivente. Todos permeados pelas preciosas informações fornecidas por Carlos Reis, do Museu do Holocausto de Curitiba e, mais adiante, Filipe Figueiredo, do podcast Xadrez Verbal (MIZANZUK, 2015).

Filhas da Guerra nos seus cinco episódios, sendo eles: “O mal puxa o mal”, “O trabalho liberta”, “A profecia”, “As filhas da Guerra” e “O que aprendemos?”, traz a perspectiva tanto da lembrança de sua família, dificuldades, sobrevivência em Auschwitz, quanto a reconstrução da sua vida no Brasil. A narrativa no formato digital é seriada ao longo do programa e não possui a necessidade de dar continuidade e nem ter um apego à obra escrita por Noemi, por mais que foi inspirada no livro.

Todo o contexto de narrar se dá pela oralidade que Ivan Mizanzuk, traz ao podcasting: ele narra sua percepção em relação a personagem, traz outros personagens para contar a história, como o funcionário do Museu do Holocausto e as filhas de Lili. Há toda uma construção dos fatos relacionados, com rica descrição do ambiente e situação para dar sentido a narrativa. Serão analisados os 5 episódios da primeira temporada do podcast ³², que contêm aproximadamente cerca de 40 a 50 minutos cada.

Nos episódios Ivan Mizanzuk não deixa de verbalizar suas dúvidas e opiniões, enquanto insere outras formas de poder trazer veracidade ao fato narrado, um valor estimado ao jornalismo. Logo:

“Percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo”. (KISCHINHEVSKY, 2017, p.12)

³² Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/> Acesso em 15 abr. 2019.

Ao mesmo tempo em que “contar histórias” se apresenta como um novo formato, a linha de narração é utilizada desde o século XIX pelo jornalismo tradicional, onde se trabalhava com histórias de interesse humano. Ainda hoje, o relato está em evidência. Sendo assim, podemos entender o fluxo de programação radiofônica como uma tentativa de estabelecer uma grande narrativa- ou uma mega estrutura de discurso ou macrotexto (MEDITSCH, 2001, p. 195-199). Que busca não só narrar o fato por si só, mas dar coerência e partilhar aos ouvintes uma narrativa detalhada, imersiva, de interesse público.

Com essa transição da história para o livro e agora também presente no podcast, percebe-se que Filhas da Guerra traz o relato como o centro da informação, mesmo sendo em outros meios, fazendo com que o discurso se interpele criando uma estrutura de uma mega narrativa.

Ivan Mizanzuk, ao discorrer sobre seus objetivos, afirma que a intenção ao criar a primeira temporada, foi fortalecer a narrativa de Lili Jafe e trazer o Holocausto como uma história inerente humana “Nós, como seres humanos, deveríamos aprender com isso os perigos do discurso de ódio e preconceito, contra qualquer grupo que seja” (MIZANZUK, 2015). Além do mais, Mizanzuk sinaliza que a ideia central é dar voz a uma sobrevivente, permitindo que o relato, tanto dela, quanto de outras pessoas envolvidas também com essa história, como família, jornalistas, pesquisadores, ao participar da produção permite que a história seja revivida e contada para mais pessoas, e no seu formato digital, a narrativa tome a perspectiva atemporal;

Até hoje eu não consigo acreditar que consegui ter essa oportunidade, de conversar com uma sobrevivente. De conversar com Lili. De ouvir sua voz, ler seu diário, ver os números tatuados em seu braço. E não consigo deixar de pensar nas milhões de vozes, livros e histórias que perdemos no Holocausto. É difícil passar por uma experiência dessas e não perceber como nossas vidas são frágeis. E como só nos resta torcer, e lutar, o tanto quanto nos for possível, para que isso não ocorra novamente (MIZANZUK, 2015).

O projeto Humanos traz novas contribuições a história de Lili, com a presença de Carlos Reis, curador do museu do Holocausto de Curitiba na época, também utiliza fala de “novos” personagens, e a presença do historiador Filipe Figueiredo, do podcast Xadrez Verbal³³.

Sendo assim, trazendo as contribuições da análise quantitativa e qualitativa de conteúdo e fazendo dela a ferramenta metodológica que irá nortear nosso estudo, partimos para o último capítulo. Já com operadores definidos que irá nos auxiliar na compreensão de

³³ <https://xadrezverbal.com/tag/podcast/> acesso em: 05/11/2019

tendências e resultados que trará a compreensão, e assim refletir a partir do nosso principal objetivo: investigar como o podcast Filhas da Guerra utiliza as fontes mulheres em sua narrativa.

4. Análise

Após ter delineado esse caminho do rádio ao podcast compreendendo o cenário de convergência, e após ter observado o contexto da mulher enquanto fonte, neste capítulo iremos analisar empiricamente nosso objeto. Partimos da análise de conteúdo para examinar assim os tipos de fontes utilizadas na produção do podcast Filhas da Guerra, a fim de observar como cada voz compõe a narrativa e assim, apontar tendências, aproximações e diferenças.

Utilizamos operadores que foram definidos na metodologia, e assim classificamos as fontes, não esquecendo de salientar que Ivan Mizanzuk que tem grande participação na produção e que se encaixa na categoria de gênero, por mais que tenha grande participação falando nos episódios não é contabilizado como fonte.

Os tópicos que abordamos foram divididos pelos nomes dos episódios, sendo eles: “O mal puxa o mal”; “O trabalho liberta”, “A profecia”; “As filhas da Guerra” e “O que aprendemos?”

4.1 “O mal puxa o mal”

O primeiro episódio do podcast, possui 39 minutos e 03 segundos de duração, traz ao ouvinte a apresentação de quem é a personagem Lili, de onde veio, onde o apresentador conheceu a personagem e qual a relevância de trazer a história dela para o podcast.

Depois desse primeiro momento, a história vai ganhando forma com a participação da personagem principal. Ivan vai até a casa de Lili para entrevistá-la, onde também encontra suas duas filhas que participam. Logo, os primeiros áudios são com a apresentação das filhas, Noemi e Stela. Depois, Mizanzuk vai inserindo outras pessoas como Carlos, Domenica Mendes, o apresentador Jô Soares e outros personagens, para construir uma linha de narrativa que tenha continuidade e afirmação da história a partir das pessoas utilizadas como fontes.

Logo, ao observar quem são essas pessoas e de que forma contribuem para a consolidação dessa narrativa, elaboramos o quadro abaixo, a partir da metodologia, que tem por unidades de registro os tipos de fontes aplicada aos personagens.

Quadro 3 - Tipos de fonte no primeiro episódio

Unidade de Registro	Quem?
Tipos de fontes	
Especialista	Carlos Reis
Personagem	Lili Jaffe
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe
Documentos Sonoros	Filipe Figueiredo
Notável	Jô Soares
Interna	Domenica Mendes

Fonte: elaboração própria

Retomando a classificação de fontes e aplicando ao produto, são observados 6 tipos de fontes manifestas nesse primeiro episódio. Carlos Reis do Museu do Holocausto é utilizado como fonte especialista para poder falar sobre a perspectiva histórica do acontecimento. Lili, é tida como personagem principal, já que a história é contada a partir dos relatos verídicos de sua vida.

As fontes testemunhas, Noemi e Stella Jaffe, são utilizadas na perspectiva da mãe: sua ligação com a personagem e também de que forma isso afeta elas. Documentos sonoros são áudios históricos ou leitura de documentos no podcast. Nesse caso, é a participação de Felipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, quem produziu junto com Ivan Mizanzuk sonoras que relatam as questões políticas e históricas da Iugoslávia.

Fonte Notável é a participação do apresentador Jô Soares nesse episódio, que traz ar de relevância a partir da atuação de uma figura pública da televisão. E por último, a classificação da fonte interna com a participação de Domenica Mendes do site Leitor Cabuloso, que leu alguns trechos do diário de Lili e também Gabriela Gianninni que auxiliou na transcrição, correspondendo assim como uma ajuda na produção sonora. No entanto, não há falas desta última durante o episódio.

Para compreender melhor tal presença de todas as fontes aqui citadas, a partir da frequência, observemos no quadro a seguir a ocorrência quantitativa das vezes em que cada fonte fala dentro do episódio;

Quadro 4 - Quantidade de falas dentro do primeiro episódio

Unidade de Registro	Quem?	Quantas vezes falam no episódio
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	20 vezes
Personagem	Lili Jaffe	49 vezes
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	16 vezes 4 vezes
Documentos Sonoros	Filipe Figueiredo	2 vezes
Notável	Jô Soares	7 vezes
Interna	Domenica Mendes	3 vezes

Fonte: Elaboração Própria

A partir da contagem é perceptível que a fonte que sobressaiu em quantidade de falas é Lili. Logo após, é a fonte especialista, Carlos, e na sequência a fonte testemunha Noemi Jaffe. Percebendo assim que os dados parecem apontar para uma hierarquia a partir da importância: personagem principal, fonte especialista, que contextualiza o cenário histórico, e testemunha que pode confirmar o relato da protagonista.

As falas das demais fontes são menos frequentes e utilizadas como pano de fundo, contribuindo para a montagem da narrativa a partir da sua utilidade. A partir disso, o quadro a seguir se atenta para a intensidade em que os gêneros das fontes aparecem falando :

Quadro 5- Quantidade de vezes em que cada gênero fala no primeiro episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Quantas vezes falam?
Gênero das fontes	Homem	29 vezes
	Mulher	64 vezes

Elaboração Própria

A partir daí percebemos que Lili Jaffe, juntamente com as demais mulheres possuem mais falas dentro do podcast, sobressaindo assim os homens na quantificação, a partir da sua participação.

Sendo assim, abaixo listamos o tempo em que cada fonte fala dentro do produto para que após possamos fazer uma reflexão dessas mesmas falas em nível qualitativo:

Quadro 6 - Tempo em que as fontes falam no primeiro episódio

Unidade de Registro	Quem?	Por quanto tempo cada fonte fala?
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	9'52''
Personagem	Lili Jaffe	9'58''
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	3'43'' 10''
Documentos Sonoros	Filipe Figueiredo	1' 41''
Notável	Jô Soares	15''
Interna	Domenica Mendes Gabriela Giannini	3'04'' -

Fonte: Elaboração Própria

Ao contabilizar a partir do recorte das falas de cada personagem, contemplamos neste quadro o valor total de todas as falas a partir do tempo. Assim é perceptível que Lili Jaffe possui maior tempo dentro desse primeiro episódio, seguido de Carlos Reis, a fonte especialista.

Contudo, ao observar através desse recorte isolado, da menor fala para a mais extensa, observamos que a menor fala de Lili é de 05'' e a maior 3'42''. Enquanto o menor áudio de Carlos, é de '0:09'' e o maior chega até '4:29''

Esse tempo dado a cada fonte também revela o papel que é atribuído a elas. Os menores áudios de Lili são afirmações de algo que o apresentador Ivan Mizanzuk pergunta a ela, e os maiores áudios são os relatos pessoais da sua vida. A presença de Carlos Reis é diretamente ligada a Lili, já que ele é a fonte especialista e acaba que na construção da história, ele vem legitimando aquilo que a Lili conta, a partir do contexto histórico do que estava acontecendo na Iugoslávia.

Nesse primeiro episódio as fontes testemunhas, filhas de Lili possui poucas aparições, já que Stella fica por ajudar a mãe na linguagem, enquanto Noemi é utilizada para afirmar o

nascimento registrado da história de Lili, a partir do livro “O que os cegos estão sonhando”, no programa do apresentador e fonte notória, Jô Soares.

Além da presença de Carlos Reis do Museu do Holocausto, há também documentos sonoros por Filipe Figueiredo. Contabilizamos os BGS de áudios históricos que contam a situação política da Iugoslávia, como a morte do rei Alexandre I, a partir da narração do que era veiculada no rádio naquela época.

Para trazer um certo tipo de ambientação, utilizando o recurso de Storytelling, a presença da fonte interna Domenica Mendes foi contabilizada em três vezes no primeiro episódio, quando realiza a leitura dos trechos do diário de Lili - relatos da vida de, de como era antes da guerra, de como a família foi levada pelos Alemães e a chegada em Auschwitz.

Após observar cronologicamente a fala dessas fontes, o último quadro se atenta observar de forma total quanto tempo cada gênero fala

Quadro 7 - Tempo por gênero no primeiro episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Por quanto tempo cada gênero fala?
Gênero das fontes	Homem	11'08" s
	Mulher	16' 15" s

Fonte:Elaboração Própria

A partir da análise do tempo por gênero, podemos observar que elas falam mais vezes e por mais tempo, apesar da diferença de tempo não ser tão grande em relação aos homens. Contudo, nesse primeiro episódio, a participação dos homens pode ser observada a partir do papel como mediador da fala, como é o caso de Ivan e Carlos, ambos como fonte detentora do conhecimento, além de outras fontes utilizadas. Já as fontes mulheres, se referem a uma personagem, duas testemunha e demais fontes utilizadas, como visto.

4.2 O trabalho liberta

No segundo episódio, a história se estende para 1h 11 min de duração. Nesse segundo momento, o ouvinte é imerso nas lembranças de Lili a partir do diário apresentado no podcast, além da sua chegada e de e sua família no campo de Auschwitz, a separação da família, o contato com outros prisioneiros e o dia a dia no campo de concentração.

“O trabalho liberta”, acaba sendo um episódio mais trabalhado em sonoras, efeitos especiais e BGS de ambientação para poder aprofundar mais nessa realidade. Os ouvintes entendem melhor o título após o contato com esse episódio, no qual Lili conta como vivenciou o campo de concentração: trabalhando na cozinha, onde ela estava menos suscetível a morte pelos nazistas, já que lá tinha uma funcionalidade. Nesse segundo episódio, entendemos melhor a dimensão dos campos de concentração e o motivo pelo qual Auschwitz é lembrado.

Para construir a narrativa, foram utilizados os seguintes tipos de fontes.

Quadro 8 - Tipos de fonte no segundo episódio

Unidade de Registro	Quem?
Tipos de fontes	
Especialista	Carlos Reis
Personagem	Lili Jaffe
Testemunha	Noemi Jaffe
Documentos Sonoros	Documentário: “Mengele, O anjo da morte” do History Channel
Interna	Domenica Mendes

Fonte: elaboração própria

As fontes utilizadas nesse episódio são a especialista, representada por Carlos, a personagem Lili, a testemunha Noemi Jaffe, que traz leituras de alguns dos seus capítulos do livro “O que os cegos estão sonhando”. Os documentos sonoros são utilizados apenas uma vez: há a reprodução do trecho do documentário “Mengele, O anjo da Morte”, do History Channel. A fonte interna é, ainda, Domenica Mendes. Nesse episódio, não há presença de fonte notável.

Além da presença de tais fontes, o quadro a seguir esboça a presença quantitativa de cada uma ao longo do episódio:

Quadro 9 - Quantidade de falas no segundo episódios

Unidade de Registro	Quem?	Quantas vezes falam no episódio
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	22 vezes
Personagem	Lili Jaffe	63 vezes
Testemunha	Noemi Jaffe	15 vezes
Documentos Sonoros	Documentário: “Mengele, O anjo da morte” do History Channel	1 vez
Interna	Domenica Mendes	9 vezes

Fonte: Elaboração Própria

É notável que, Lili continua sendo a fonte que mais aparece falando, seguida da fonte especialista e da testemunha. Para também perceber essa presença na forma de gênero, apresentamos o quadro abaixo:

Quadro 10 - Quantidade de vezes em que cada gênero fala no segundo episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Quantas vezes falam no ep?
Gênero das fontes	Homens	23 vezes
	Mulheres	87 vezes

Fonte: elaboração própria

É perceptível que as mulheres aparecem falando de forma quase que triplicada em relação aos homens, mostrando assim serem maioria nesse segundo episódio. Para também observar sobre o quê cada pessoa fala e em qual frequência, voltemo-nos para o tempo de duração das falas:

Quadro 11 - Tempo em que as fontes falam no segundo episódio

Unidade de Registro	Quem?	Por quanto tempo cada fonte fala?
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	36'
Personagem	Lili Jaffe	8' 47"
Testemunha	Noemi Jaffe	6' 40"
Documentos Sonoros	Documentário: "Mengele, O anjo da morte" do History Channel	45"
Interna	Domenica Mendes	11' 11"

Fonte: Elaboração Própria

O seguinte quadro nos mostra que Carlos Reis como fonte especialista possui maior tempo de fala em relação a todas as fontes nesse episódio, seguido da fonte interna, Domenica Mendes com a leitura dos trechos do diário, depois Lili e por último a Noemi Jaffe como fonte testemunha.

O que cada fonte fala também se mostra importante, pois nesse episódio Carlos Reis assume uma postura de entrevistado, em relação a Ivan Mizanzuk que além de perguntar a ele assuntos como o que é o campo de concentração, o que tem nele e também qual é a logística de funcionamento, em vários momentos Ivan também se desmembrava desse lugar de entrevistador e assumia uma postura de conhecedor do tema e também alguém que reforçava algum ponto da história de Lili, mesmo sem a ter presenciado.

A segunda fonte que mais fala nesse episódio interpreta a Lili. Domenica Mendes, como fonte interna, traz leituras do diário juntamente com a fonte testemunha, Noemi, que no episódio faz leitura dos trechos do seu livro sobre sua mãe "O que os cegos estão sonhando".

O documento sonoro utilizado é o trecho do Documentário: "Mengele, O anjo da morte" do History Channel, que fala sobre como o nazismo avançava pela Europa e como o medo é fruto de várias condições desumanas que eram vivenciadas naquela época. Um exemplo é Joseph Mengele, o médico que decidia o futuro de quem chegava aos campos, já que ele selecionava pessoas para suas experiências médicas.

Por último, Lili acaba detalhando fatos não só da sua vida pessoal, mas também de fatos relacionados ao campo: como eram mantido, o que ela desenvolvia lá dentro, como era a

rotina do local. Tais trechos são de grande potência que revelam o cotidiano de alguém que vivenciou a guerra.

E para compreender melhor como cada fonte fala no total, observemos como o gênero se comporta nesse episódio a partir do tempo:

Quadro 12 - Tempo por gênero no segundo episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Por quanto tempo cada gênero fala?
Gênero das fontes	Homem	35' 45" s
	Mulher	25' 55" s

Elaboração Própria

A partir do tempo, notamos que por mais que as mulheres apareçam mais vezes falando nesse episódio, Carlos Reis aparece falando por mais tempo. De forma comparativa, seu menor áudio é de 2min 40s e o maior chega até 11min 16s, enquanto o menor áudio de Lili é de 00:14 s e o maior de 3min.

Dessa forma, concluímos que nesse episódio há a presença de três fontes mulheres, sendo ela uma personagem, um testemunha e uma notável. As mulheres aparecem mais vezes, falando por menos tempo. Já a presença dos homens se deu como documento sonoro e como fonte notável, falando menos vezes e por mais tempo.

4.3 A profecia

O terceiro episódio é o menor de todos, contendo 27 min e 25s. É nele que contém o desfecho da história. A guerra chegou ao fim, as forças aliadas invadiram a Polônia e os prisioneiros começaram a ser deslocados em massa. Nesse episódio, entendemos como a história de Lili durante a guerra obteve desfecho após a experiência traumática. Ela conta, entre outros fatos o que aconteceu na fronteira com a Dinamarca, no momento em que os prisioneiros foram salvos pela Cruz Vermelha e como toda a história originou um diário.

Para compreendermos melhor a narrativa, o quadro abaixo explicita quais as fontes utilizadas neste terceiro episódio

Quadro 13 - Tipos de fonte no terceiro episódio

Unidade de Registro	Quem?
Tipos de fontes	
Especialista	Carlos Reis
Personagem	Lili Jaffe
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe
Interna	Domenica Mendes

Fonte: elaboração própria

Nesse episódio, a presença das fontes se afunila mais, havendo cinco fontes no episódio, diferentemente do primeiro que além dessas também continha a notória e documentos sonoros.

Com a presença de tais fontes utilizadas, observemos a frequência de aparição de cada uma nesse terceiro episódio, no quadro abaixo:

Quadro 14- Quantidade de falas dentro do terceiro episódio

Unidade de Registro	Quem?	Quantas vezes falam no episódio
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	1 vez
Personagem	Lili Jaffe	40 vezes
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	10 vezes 6 vezes
Interna	Domenica Mendes	3 vezes

Fonte: Elaboração própria

A fonte personagem sobressai nesse episódio, seguida das fontes testemunhas, fonte interna e por último a fonte especialista. Nessas aparições, os gêneros aparecem falando na seguinte quantidade:

Quadro 15 - Quantidade de vezes em que cada gênero fala no terceiro episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Quantas vezes falam no ep?
Gênero das fontes	Homem	1 vez
	Mulher	59 vezes

Elaboração Própria

As mulheres falam muito mais neste terceiro episódio, enquanto Carlos Reis só aparece uma vez. Assim, o quadro abaixo mostra o tempo que cada fonte contribui no episódio:

Quadro 16- Tempo em que as fontes falam no terceiro episódio

Unidade de Registro	Quem?	Por quanto tempo cada fonte fala?
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	2' 54"
Personagem	Lili Jaffe	7 '32"
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	3'37" 1'08"
Interna	Domenica Mendes	1'45"

Fonte: Elaboração Própria

Carlos Reis, que fala uma única vez, inicia o episódio explicando sobre o fim da Guerra. Já a fonte Personagem Lili aparece mais vezes e falando por mais tempo, é instigada nesse episódio a falar de forma mais sentimental sobre sua experiência: inicia o episódio falando que ela e os outros prisioneiros pediram para um dos soldados os matarem por conta

da fome e do medo, pois eles tinham recém-descobertos que havia crematórios dentro dos campos.

Entretanto, naquele dia eles receberam a notícia de que a Guerra havia chegado ao fim. Lili e os outros prisioneiros são salvos pela Cruz Vermelha, que lhes deram comida e transportaram para Dinamarca. Neste momento, a fonte interna Domenica Mendes narra o trecho do diário de Lili, no qual ela conta sobre o momento de travessia na fronteira Alemã.

Logo depois disso, Ivan insere mais um trecho de Domenica lendo uma parte do diário em que Lili volta para casa na esperança de reencontrar sua família, mas a realidade é contrária, pois apenas seu irmão voltara para casa.

Após essa parte, a história se volta a narrar como foi que Lili reconstruiu a sua vida depois da experiência do trauma: ela foi para Suécia, foi nesse local que escreveu o diário. A partir disso, Noemi Jaffe conta que por mais dura que fosse a história de sua mãe, ela encontrou forças a sua maneira para narrar o acontecimento. Em visita ao Museu do Holocausto, onde há pertences e fotos de pessoas que vivenciaram a guerra, Noemi obteve criatividade para criar supostas histórias sobre essas pessoas, fazendo delas um personagem tentando humanizar, levando para outras pessoas os acontecimentos da Guerra, mas nunca banalizando tais indivíduos.

No minuto 12' 20" do episódio, Ivan se posiciona como uma pessoa que questiona partes da história da Lili. Segundo o produtor "não havia papel, nem lápis, nem caneta em Auschwitz, para Lili escrever, mas assim que pode ela se esforçou em escrever o que lembrava, o que implica que seu diário também tenha um pouco de invenção, já que foi feitas a partir de memórias cada vez mais distantes".

Assim, Lili segue contando no episódio como reestruturou sua vida: a partida do seu irmão aos Estados Unidos, sua primeira paixão Aaron Jaffe, sua partida ilegal para Hungria, entre outros. Na Hungria, Lili conta que recebeu cartas de amor de Aaron noticiando que ele iria para lá. Desde então, os dois começaram um romance. Stella Jaffe, fonte testemunha detalha mais da história do casamento dos dois e Noemi Jaffe afirma que na época Lili teria deixado o diário de Guerra com Aaron, no qual completara com cartas de amor para Lili, o mesmo diário exposto no Museu do Holocausto.

O episódio se encerra dessa forma. O título se refere a uma história de uma cigana do campo de concentração que falou para Lili que ela se casaria e teria três filhas. Ela estava certa, a visão se tornou realidade, se tornou uma profecia.

Assim, para além do tempo que todas as fontes contribuíram na narrativa, o quadro abaixo expõe esse tempo pela seguinte categorização:

Quadro 17- Tempo por gênero no terceiro episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Por quanto tempo cada gênero fala?
Gênero das fontes	Homem	2'54"
	Mulher	13' 20"

Elaboração Própria

Com base nos dados acima, concluímos que as mulheres contemplam a maioria do tempo nesse episódio, que foi voltado a elucidar de forma individual, social e sentimental o final da Guerra. A única fonte homem do episódio, que é a especialista, falou apenas uma vez, trazendo o contexto histórico dos países participantes do confronto.

4.4 As filhas da Guerra

Neste episódio, o podcast contém 32 minutos de duração. Ele traz à tona os efeitos que a guerra trouxe para a vida de Lili após se casar com Aron Jaff e, assim, estruturar uma família. O episódio se desdobra a partir desse movimento da personagem principal tentar se reestruturar emocionalmente e assim verbalizar como é conviver com a dor do trauma e com a dúvida sobre como contar sua história para suas filhas.

Esse episódio é característico a partir da compreensão das fontes de que nem mesmo os sobreviventes tinham noção do que havia sido o holocausto como um todo. Havia tanta dor e sofrimento, além de dificuldade na comunicação, que apenas dois anos mais tarde o assunto passou a ser debatido.

Nesse episódio, as fontes testemunha encontram espaço para poder falar sobre seu ponto de vista sentimental e como esse sentimento dá a elas legitimidade de se intitularem como “filhas da guerra”, termo utilizado por Stela para expressar a identidade: “filhas da guerra somos nós. Somos os filhos dessa geração que vivenciou a guerra. Nós que sabemos o contexto real do que de fato foi e lutamos contra o preconceito”.

Logo, o quarto episódio possui desdobramento contendo as seguintes fontes:

Quadro 18 - Tipos de fonte no quarto episódio

Unidade de Registro	Quem?
Tipos de fontes	
Especialista	Carlos Reis
Personagem	Lili Jaffe
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe

Fonte: elaboração própria

Nesse episódio, são utilizados apenas três tipos de fontes, dando ênfase na relação das fontes testemunha com a fonte personagem, já que esse episódio em questão é conduzido a partir da questão familiar: como as filhas de Lili enxergam a Guerra?

Diferentemente de Lili, que diz não sentir nenhuma mágoa em relação ao acontecido, Stela e Noemi afirmam que sentem repulsa, ódio e indignação ao ocorrido, principalmente por saber que a mãe faz parte dessa história.

A fonte especialista também fala sobre esse sentimento a partir da sua experiência como entrevistador dos sobreviventes: “é muito comum ver na segunda geração, nos filhos, e até nos netos, um discurso mais radical sobre tudo aquilo que aconteceu”. Ele utiliza essa fala para comparar com os relatos sentimentais de Lili e suas filhas, e além disso afirma que as instâncias históricas, como museus e relatos devem ter um certo “cuidado” na hora de transmitir as informações, pois as próximas gerações tendem a apropriar isso com o sentimento de “vitimização”.

Seguindo com a análise, o quadro abaixo mostra a quantidade de vezes que tais fontes aparecem nesse quarto episódio:

Quadro 19- Quantidade de falas dentro do quarto episódio

Unidade de Registro	Quem?	Quantas vezes falam no episódio
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	07 vezes
Personagem	Lili Jaffe	21 vezes

Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	19 vezes 24 vezes
------------	-----------------------------	----------------------

Fonte: Elaboração Própria

A fonte especialista é a que menos aparece falando nesse episódio. Já a fonte personagem se equipara com as fontes testemunhas, já que acaba por ser um diálogo direto entre as três. Sendo assim, os gêneros aparecem falando da seguinte forma:

Quadro 20 - Quantidade de vezes em que cada gênero fala no quarto episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Quantas vezes falam no ep?
Gênero das fontes	Homem	07 vezes
	Mulher	64 vezes

Fonte: Elaboração Própria

Como observado acima, as mulheres falam em maior quantidade do que os homens nesse episódio. Isso já era esperado, já que este episódio é voltado integralmente para a relação entre mãe e filhas. Os quadros abaixo indicam quanto tempo tais fontes falam de maneira individual e também em conjunto:

Quadro 21 - Tempo em que as fontes falam no quarto episódio

Unidade de Registro	Quem?	Por quanto tempo cada fonte fala?
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	3' 47''s
Personagem	Lili Jaffe	5'
Testemunha	Noemi Jaffe Stela Jaffe	4'35'' 11' 43''

Fonte: Elaboração Própria

Logo, é perceptível que a fonte que aparece falando por mais tempo nesse episódio é a fonte testemunha Stela Jaffe. Nos dois primeiros episódios, Stela ficava por auxiliar Lili no idioma ou sequer aparecia falando. Dessa forma as fontes, divididas pela categoria de gênero falam com a seguinte duração:

Quadro 22 - Tempo por gênero no quarto episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Por quanto tempo cada gênero fala?
Gênero das fontes	Homem	3' 47"
	Mulher	21'18"

Elaboração Própria

É perceptível que nesse episódio as mulheres se sobressaem falando por mais vezes e mais tempo, constituindo-se como maioria. Por outro lado, a presença do homem é dada apenas pela fonte especialista, Carlos Reis. Nota-se, assim, que ao falar sobre o assunto nesse episódio, Lili revela como se sente após ter vivenciado o holocausto. Já as fontes testemunhais, Stela e Noemi, possuem um lugar representativo enquanto mulheres e enquanto filhas que vivenciaram experiências da mãe.

Lili chega questionar o próprio apresentador Ivan Mizanzuk: “o que você faria?”. Ele então declara que não tem respostas para isso, já que sua família é de origem Polonesa e nunca tinha passado por situação parecida, além do fato dele se enxergar em uma posição privilegiada socialmente enquanto homem, heterossexual e de classe média. Então, reconhece que seria injusto dar qualquer resposta a altura.

Já a fonte especialista é a que fala poucas vezes e por menos tempo nesse episódio. Carlos Reis fala a partir da experiência de outros sobreviventes e não empiricamente como as demais.

4.5 O que aprendemos?

O último episódio da temporada possui cerca de 1 hora e 6 minutos, e traz em seu âmago a necessidade de se refletir o motivo de alguns grupos negarem a existência do holocausto, mesmo contendo tantos registros. Assim, busca-se retratar os perigos que tais pensamentos trazem. A partir daí, o produtor e apresentador Ivan Mizanzuk revela como conheceu o assunto, sua posição sobre o tema e demais reflexões pessoais de como o antissemitismo ainda é desenvolvido em várias camadas sociais. E além disso, Mizanzuk questiona: Será que há riscos de um novo holocausto acontecer?

Para construir essa última narrativa, são utilizados os seguintes tipos de fontes:

Quadro 23 - Tipos de fonte no quinto episódio

Unidade de Registro	Quem?
Tipos de fontes	
Especialista	Carlos Reis
Personagem	Lili Jaffe
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe
Notável	Filipe Figueiredo

Fonte: Elaboração própria

Permaneceram as fontes especialista, personagem e testemunha. Nos primeiros episódios, há a presença de Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal. Nesse episódio, ele retorna como fonte notável, falando sobre sua perspectiva do holocausto enquanto historiador.

Dessa forma, o quadro a seguir busca mapear a quantidade de falas de tais fontes nesse quinto episódio:

Quadro 24 - Quantidade de falas dentro do quinto episódio

Unidade de Registro	Quem?	Quantas vezes falam no episódio
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	9 vezes
Personagem	Lili Jaffe	30 vezes
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	10 vezes 7 vezes
Notável	Filipe Figueiredo	17 vezes

Fonte: Elaboração Própria

Percebe-se que a fonte que fala em maior quantidade é Lili Jaffe. As fontes que menos falam são as testemunhas. É importante salientar que a soma das falas dessas duas testemunhas é o resultado da fala individual da fonte notável, Filipe Figueiredo. Nesse episódio, Filipe é a fonte que possui mais falas após Lili. Sendo assim, os gêneros se expressam da seguinte forma:

Quadro 25- Quantidade de vezes em que cada gênero fala no quinto episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Quantas vezes falam no ep?
Gênero das fontes	Homem	26 vezes
	Mulher	47 vezes

Fonte: Elaboração Própria

Dessa forma compreendemos que a mulher se sobressai no número de vezes quando olhamos para a contagem em gênero. Assim, vale observar a duração do tempo com que cada fonte fala nesse quinto episódio:

Quadro 26 - Tempo em que as fontes falam no quinto episódio

Unidade de Registro	Quem?	Por quanto tempo cada fonte fala?
Tipos de fontes		
Especialista	Carlos Reis	10'13''
Personagem	Lili Jaffe	5'56''
Testemunha	Noemi Jaffe Stella Jaffe	5'54'' 1'35''
Notável	Filipe Figueiredo	16'20''

Fonte: Elaboração Própria

É perceptível que por ser um episódio de longa duração, a duração das falas se estende para mais de um minuto, revelando, assim, que a fonte que fala por mais tempo é Filipe Figueiredo, uma fonte notável. Após Filipe, a fonte que possui maior tempo é a especialista, representada por Carlos Reis, seguido das testemunhas Noemi e Stela, e, por último, a personagem Lili.

Com base nisso, o quadro abaixo esboça o tempo total, dividido pela categoria de gênero, no último episódio:

Quadro 27 - Tempo por gênero no quinto episódio

Unidade de Registro	Unidade de análise	Por quanto tempo cada gênero fala?
Gênero das fontes	Homem	26' 33''
	Mulher	12' 45''

Elaboração Própria

Analizamos que nesse episódio houve uma descentralização dos relatos pessoais de Lili resultando em um episódio de maior reflexão sobre o que foi a guerra, de que forma ela se reverbera, como os países se comportaram frente a isso e também sobre como esse embate se apresenta na modernidade. Além disso, trouxe discussões sobre de que forma a guerra era vista no passado e se há mudanças no presente sobre o discurso de ódio daquela época.

No episódio em questão, as mulheres aparecem enquanto fontes personagem e testemunhas e falam em maior quantidade de vezes. Porém, os homens falam em menor quantidade e por mais tempo, como fonte especialista e notável, tornando-se assim mais presenciáveis qualitativamente do que as mulheres que são maioria em número neste episódio.

Por fim, apresentamos o resultado da análise de conteúdo de todos o episódios do podcast Filhas da Guerra.

Quadro 28 - Análise de conteúdo de Filhas da Guerra

Unidade de Registro	Unidade de Análise	Ep 1	Ep 2	Ep 3	Ep 4	Ep 5	Total
Tipos de Fontes	Especialista	1	1	1	1	1	5
	Personagem	1	1	1	1	1	5
	Testemunhas	2	1	2	2	2	9
	Documentos Sonoros	1	1	0	0	0	2
	Notável	1	0	0	0	1	2
	Interna	1	1	1	0	0	3
Quantidade de falas dentro do episódio	Especialista	20	22	1	7	9	59
	Personagem	49	63	40	21	30	203
	Testemunhas	20	15	16	43	17	111
	Documentos Sonoros	2	1	0	0	0	3
	Notável	7	0	0	0	17	24
	Interna	3	9	3	0	0	15
Vezes em que cada gênero fala	Mulher	64	87	59	64	47	321
	Homem	29	23	1	7	26	86
Tempo em que as fontes falam	Especialista	9'52"	36'	2' 54"	3'47"	10'13"	61'39"
	Personagem	9'58"	8'47"	7'32"	5'	5'56"	35'
	Testemunhas	3'53"	6'40"	4'45"	15'78"	6'89"	37'05"
	Documentos sonoros	1'41"	45"	0	0	0	2'20
	Notável	15"	0	0	0	16'20"	16'35"

	Interna	3' 04"	11'11"	1'45"	0	0	15'60"
Tempo por gênero	Mulher	16'15"	25'55"	13'20"	21'18"	12'45"	88'
	Homem	11'08"	35'45"	2'54"	3'47"	26'33"	90'

Fonte: Elaboração Própria

Ao somarmos todas as unidades de análise encontramos similaridades e discrepâncias. Foi perceptível que ao longo da primeira temporada do podcast Filhas da Guerra, a fonte personagem, Lili Jaffe apareceu falando em todos os episódios, assim como a fonte especialista, Carlos Reis. As fontes testemunhas, Noemi e Stella, acabam aparecendo mais vezes nos episódios por serem duas pessoas. No entanto, Noemi Jaffe se sobressai quando comparada a Stella no quesito vezes que fala e tempo que fala.

Há pouca utilização de documentos sonoros ao longo da temporada, ele é dado em mesma proporção quantitativa da fonte notável, ambos são dados pela participação de homens. A fonte interna aparece nos três primeiros episódios.

Percebemos através da análise que quem aparece em maior quantidade de vezes falando dentro do episódio é a fonte personagem, seguida das fontes testemunhas, e constitui-se maioria em relação às outras fontes. Consequentemente, isso também reflete em como o gênero aparece falando ao longo do episódio: quantitativamente, a soma das 4 mulheres participantes como fontes é quase 3 vezes maior do que os 3 homens utilizados como fontes.

No entanto, ao se atentar ao tempo, é notável que os homens, apesar de falarem em menor quantidade do que as mulheres, falam por mais tempo. Comparando a fonte personagem com a especialista, a fonte especialista fala por mais tempo. Percebemos que no primeiro episódio, Carlos não chega a ser maior do que a personagem, mas a diferença no áudio é por alguns segundos a mais da fonte personagem. No segundo episódio, o áudio da fonte especialista Carlos Reis, chega a ser contabilizado em 36', enquanto da fonte personagem apenas 8'47". No terceiro e quarto episódio, há redução no tempo em que a fonte especialista fala. Contudo, no último ela retorna falando quase o dobro do que a fonte personagem, Lili. Percebemos, então, que a soma de toda as falas da fonte personagem Lili se contabiliza em 35' ao longo da temporada. Comparativamente com Carlos Reis, é menor, já que em apenas um episódio Carlos fala em mais tempo do que a própria fonte personagem em todos os episódios da temporada.

Assim, a fonte especialista fala aproximadamente duas vezes a mais do que a fonte personagem, superando o tempo da fonte principal, Lili Jafe. Em relação às fontes testemunha, o tempo em que falam no podcast é inferior a fonte personagem nos três primeiros episódios. Nos últimos episódios, essa diferença é superada e as fontes testemunhas falam por mais tempo. Quando olhamos para a temporada completa, as fontes testemunha falam por mais tempo que a personagem.

Dessa forma, observamos que em um podcast em que o primeiro episódio é intitulado como “O mal puxa o mal” e onde se tem o panorama geral e a contextualização da história de Lili, já era esperado que a fonte personagem seria a que mais falaria, como de fato o foi. Porém, não há uma grande discrepância entre seu tempo de fala e dos homens participantes.

Em “O trabalho liberta”, segundo episódio, onde teoricamente ele seria dedicado a contar as experiências pessoais de Lili no campo de concentração, a fonte especialista, Carlos Reis, fala por mais tempo, fazendo com que o episódio seja mais dedicado a falar sobre os serviços que eram feitos no campo de concentração e menos sobre Lili, que acaba ficando como pano de fundo da história.

No terceiro episódio, “A profecia”, Lili fala em maior quantidade e por mais tempo, fazendo-se perceptível que há mais valorização das experiências empíricas do que propriamente os documentos históricos, diferentemente dos outros episódios.

“As filhas da Guerra”, em especial, possui esforços em pontuar quem seriam as filhas da Guerra, tais como as pessoas que vivenciaram o holocausto e as próximas gerações pós holocausto, que relatam sobre o ocorrido. Nesse episódio, o lugar de Lili é dado como indivíduo participante do conflito e assim também com Noemi e Stella no papel de filhas, indivíduos que são visualizados a partir da experiência da mãe. Ainda assim, nesse episódio, os homens falam enquanto fontes especialista e notável, mesmo que a proposta do episódio seja expor as experiências empíricas das personagens que são mulheres.

E “O que aprendemos?” finaliza a temporada, com um título que reflete o questionamento do que foi a guerra e se haveria ainda uma possibilidade de um futuro conflito do mesmo patamar. Aqui, há uma descentralização da figura de Lili para uma reflexão do holocausto a partir do apresentador Ivan Mizanzuk que até não é contabilizado como fonte. Os homens também falam por maior tempo.

Temos, assim, que a ordem das fontes que mais falam durante toda a temporada pode ser resumida na sequência: 1) fonte especialista (que é um homem); 2) fonte testemunha (duas mulheres); 3) fonte personagem (Lili); 4) fonte notável (divida entre um homem e uma mulher); 5) fonte interna (uma mulher); e 6) documentos sonoros (homens). Temos, ao todo,

quatro mulheres como fontes e três homens. Ainda assim eles falam por mais tempo que as mulheres, refletindo assim o papel social de detentor do conhecimento dentro do podcast de mulheres que falam sobre a guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter feito essa revisão estrutural, passando do rádio ao podcast, refletindo desde a fase de implantação até a atual fase de convergência, traçamos um panorama onde foi possível entender como essa mídia se reconfigurou, partindo da constatação de Kischinhevsky de que o rádio não morreu, ele está em constante transformação.

Diante desse panorama de convergência, é importante se pensar que com o advento da internet, surgiram diversos formatos que se integraram à radiofonia fazendo com que se agregassem recursos como fotos, textos, vídeos, infográficos, e outros que possam compor produções narrativas na plataforma digital.

Sendo assim, encontramos no podcast uma extensão do rádio que traz variados segmentos e possibilidades a partir dos recursos disponibilizados para se compor novas narrativas. Trabalhamos, assim, com a noção da fala da mulher e a mulher enquanto fonte nas produções jornalísticas a partir da primeira temporada do Projeto Humanos, Filhas da Guerra.

Demos início ao nosso primeiro capítulo traçando um panorama teórico do surgimento do rádio, desde a sua implantação até chegar ao modelo do podcast, refletindo assim as similaridades e discrepâncias que ambas as mídias possuem. Então, chegamos na segunda parte, onde a discussão ganha forma a partir do nosso objeto de estudo e nosso tema: mulheres no podcast.

Afunilamos ainda mais o nosso objeto de estudo refletindo através de dados estatísticos sobre a atual desigualdade da mulher na mídia e no rádio. Olhando para o rádio, tentamos entender, através da presença da mulher, como essa identidade era construída nesse dispositivo e a partir disso percebemos como a mídia reflete a sociedade. Procuramos entender a identidade da mulher e a causa raiz da desigualdade social através da história.

A partir disso, apontamos a fala como um instrumento legítimo para se tentar superar a desigualdade de gênero. Contudo, na análise produzida para este trabalho, pudemos perceber que tal desigualdade se dá de forma estrutural e pode aparecer até de forma subconsciente em instâncias midiáticas feitas com mulheres.

Para aprofundar nossa pesquisa, escolhemos como objeto de análise a primeira temporada do Projeto Humanos, Filhas da Guerra, por vários motivos, mas primeiramente por enxergarmos no produto um meio desconstruído de se entender a segunda guerra: a partir do relato de uma mulher.

Portanto, para realizar nossa análise, nos ancoramos em ferramentas metodológicas utilizadas a partir de teorias que discutem o papel das fontes no jornalismo. Categorizamos

nossos operadores com base teóricas de autores utilizados que entendem as fontes jornalísticas a partir de suas classificações.

Ao todo foram analisados os cinco episódios da primeira temporada, conforme tais operadores estabelecidos. O que podemos concluir através da análise é que o objeto de estudo se mostra legítimo e relevante enquanto produto midiático, já que ele contribui para a disseminação da memória, testemunho e também contribui para a superação dos dados estatísticos citados no primeiro capítulo, onde mulheres e pessoas com mais de 55 anos demonstram ser o grupos que menos ouvem podcast.

Percebemos também em como esse modelo de “jornalismo narrativo” foi crucial para construção da informação. Em Filhas da Guerra, foi empregado na produção uma narrativa Storytelling, de jornalismo imersivo, fazendo com que a estrutura da narrativa se tornasse multimídia dentro de um produto expandido.

Observamos que, de forma geral, o produto contém diversidade e não pluralidade de fontes, partindo das observações de Kischinhevsky e Chagas, autores abordados no segundo capítulo. Compreendemos que no episódio existem muitas fontes falando, mas falam pela mesma ótica, desenhando a narrativa por um ciclo de confirmações discursivas através da figura do homem.

Dessa forma, entendemos que por mais que o produto seja feito com mulheres e teoricamente o protagonismo é dado a elas, ainda assim os homens acabam falando por mais tempo, no papel de especialista, fonte notável e historiador, remetidos assim como detentores do conhecimento sobre o assunto. Elas aparecem por mais vezes em toda temporada, porém falam menos que eles.

Acreditamos que a teoria de Simone Beauvoir, aplicada no nosso produto, onde ela compreende a sociedade a partir do materialismo histórico e através dele, enxerga no trabalho, uma instância que diminui a distância que separa o homem da mulher, totalmente legítimo e plausível e assim aplicada à Lili Jaffe enquanto indivíduo mulher, participante da guerra.

Contudo, ao se pensar no lugar de fala, por mais que entendemos a proposta do produto de se trazer uma mulher como fonte personagem louvável, em variados momentos, se percebeu que a voz da mulher era tida em segundo plano, sendo assim legitimada por fontes homens. Percebemos que também houve um certo cuidado do próprio apresentador Ivan Mizanzuk de se pensar no seu lugar de fala como produtor, porém foi notório que subjetivamente ao se construir a narrativa, alguns homens acaba por deslegitimar o que as fontes mulheres falam.

Por fim, reconhecemos que ofício de jornalismo em tempos atuais se torna um desafio, ainda mais para as mulheres que estão inseridas nele e que falam para outras mulheres no geral. Concluimos com embasamento de Djamila Ribeiro e de Grada Kilomba que as mulheres utilizadas como fonte nesse podcast se constituem como tantas outras em nossa sociedade: são vozes que causam incômodo por se tentar romper com a voz única. Contudo é necessária ouvi-las e ouvi-las de forma certa.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Isis Furtado; DE JESUS, Cassiano Celestino. **O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. BOLETIM HISTORIAR, n. 14, 2016

ARANTES, Claudia Maria. **A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação** - XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0948-2.pdf>> Acesso em: 15/05/2019

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEFFA, **AS FONTES FEMININAS NO JORNALISMO BRASILEIRO**; Trabalho de Conclusão de Curso; Universidade Positivo; Orientador: Emerson de Castro Firmo da Silva, 2017.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia. N. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BUFARAH JUNIOR, Alvaro . **Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas**. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Curitiba. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, P. M. . **Podcast: Novas Possibilidade Sonoras na Internet**. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Pernambuco. Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

CUILENBERG, Van. Media Policy Paradigm Shifts: **Towards a new Communication Policy Paradigm**. European Journal of Communication. 18. (2), 2003

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é a Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIETMANN, Sofia Soares ; CHAVES, Leslie Sedrez . **As Recatadas: as mulheres enquanto pauta e protagonistas no rádio**. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. INTERCOM SUL, 2018, Cascavel, 29 de junho a 1º de julho de 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1331-1.pdf>> Acesso em: 12/05/2019

FERRARETTO, L. A. **Rádio – Teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luis Artur. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil**. Revista EPTIC Online, v. 14, n. 2, maio-ago, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, 1). São Paulo: Global. 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, 1). São Paulo: Global. 2005.

GANS, H. J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.

HERSCHMANN, M., KISCHINHEVSKY, M. . “A ‘geração podcasting’ e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento”. Revista Famecos, n. 37, dez., pp. 101-106. (2008)

HERSCOVITZ, H. G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, C. e BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

KISCHINHEVSKY, M. ; CHAGAS, L. J. V. . **Diversidade não é igual à pluralidade - Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo**. GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE) , p. 111-124, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. (2017). **Podcast como suporte para experiências imersivas do Radiojornalismo narrativo**. Sbp Jor. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/598/399> Acesso em: 12.nov 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.
LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LASSWELL, Harold. “The Theory of Political Propaganda” in **American Political Science Review**, vol 21. Chicago: University of Chicago Press, 1927.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: . Acesso em: 11 fev. 2013.

LUIZ, Lucio ; ASSIS, P. . **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010. v. CD-ROM. <Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>> Acesso em: 25/05/2019

MEDITSCH, Eduardo. **A Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Coimbra, Minerva, 1999 (edição brasileira no prelo: Florianópolis, Editora da UFSC, Editora Insular, 2001)

ORTRIWANO, G. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PINTO, M. , **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. Comunicação e Sociedade 2**: 277-294. (2000)

PRATA, Nair. **A fidelidade do ouvinte de rádio**. Conexão (Caxias do Sul) , Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 133-147, 2003.

PRATA, Nair. A webradio como ferramenta educacional. In: Adriana Maria Tonini e Washington L. V. Silva. (Org.). **Mídias na Educação e práticas educativas**. 1ed.Ouro Preto: CEAD/UFOP, 2016.

PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. Belo Horizonte. MG 2008.

QUADROS, M. R. ; LOPEZ, D. C. . **O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade**. Revista FAMECOS (Online) , v. 22, p. 164-181, 2015.

QUADROS, M. R. de; LOPEZ, D. C. **Rádio e redes sociais : novas ferramentas para velhos usos?** Revista Intexto, v. 30, p. 166-183, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/47574>>. Acesso em: 24 mar. 2019

REZENDE, Djaine Damiaty. **Podcast. Reinvenção da comunicação sonora**. In: Intercom XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.p>>

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.p. (Feminismos Plurais)

SCHMITZ, Aldo . **Classificação das fontes de notícia**. UFSC. 2001.

SCHMITZ, Aldo A. . **Classificação das fontes de notícias**. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação , v. 1, p. 1-22, 2011.

SCHMITZ, Aldo A. ; KARAM, F. J. C. . **A ética de lado a lado: fontes de notícias e jornalistas frente a frente**. In Texto (UFRGS. Online) , v. 2, p. 171-182, 2010.

SILVA, E. Apresentação do Prêmio Podcast 2008. In: Blog do Prêmio Podcast, 9 dec. 2008.

SILVA, Ellis Regina Araujo da. . **Gênero e Feminismo no Rádio - O Programa Viva Maria da Rádio Nacional**. (Org.). Gênero em Pauta - Desconstruindo Violências, construindo novos caminhos. 1ed.Curitiba: Appris, 2019.

SPONHOLZ, L (2008), **Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts**. **Brasília**: Sociedade e Estado 23: 591-619.

VELOSO, A. M. **O Fenômeno Rádio Mulher: A Voz Feminina Ecoando na Mata Sul de Pernambuco**. **Revista Memória em Movimento**, Recife, vol. 02, p. 5-17, 2008. Disponível em: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018 12 . Acesso em: 15 abril 2019.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. In:[S.l:s.n.],2018.

Disponívelem:<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002906541.pdf>

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualização para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina**. Intercom – Joinville - SC, 2017.